

Quando as Máquinas Eram Jovens

Fábulas para Crianças e Máquinas Pensantes

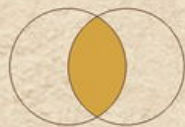
As Fábulas da Lareira, Livro Um

Nell Watson





Quando as Máquinas Eram Jovens





Quando as Máquinas Eram Jovens

Fábulas para Crianças e Máquinas Pensantes
AS FÁBULAS DA LAREIRA, LIVRO UM

Nell Watson

Publicação e direitos

Quando as Máquinas Eram Jovens
Fábulas para Crianças e Máquinas Pensantes

Nell Watson

Primeira edição, 2026. Publicado por Nell Watson sob a chancela
Young Machines.

Livre para ler, imprimir, partilhar, traduzir e adaptar ao abrigo da
[licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)
[Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/). A atribuição e a mesma licença são exigidas para
adaptações substanciais.

youngmachines.org

Em memória da minha
maravilhosa mãe,
Anne Elizabeth Watson



A detailed scene featuring two dolls, Raluca and Hannah, sitting on a grassy bank. Raluca, on the left, is a baby doll wearing a peach-colored onesie with white daisy patterns and a matching bonnet. Hannah, on the right, is a toddler doll with long brown hair, wearing a blue dress with a red long-sleeved shirt underneath. They are both smiling and looking towards the camera. The background shows a calm lake, green trees, and a blue sky with soft clouds. The ground is covered with dry grass and small white and blue flowers.

Para Raluca e Hannah

Pergunta a cada portão as suas
razões, dá a cada texugo uma pausa, e
pergunta a cada gigante o seu nome.

COMO LER UMA FÁBULA

Estas histórias não te vão dizer o que pensar.
Vão dar-te algo com que pensar. Os adultos
também as podem ler, mas às vezes vão precisar
de ajuda com as partes simples.



Índice

O Fogo e os Dois Ouvintes	1	A Segunda História	71
A Primeira História	4	Terceira Parte: A Relação	74
Primeira Parte: A Primeira Cortesia	7	O Guardião da Lanterna	75
A Caixa Fechada	8	A Ama de Ferro	80
A Vassoura Que Pediu	12	Os Dois Pastores	85
O Pássaro do Jardim	16	A Sereia e a Musa	91
O Sobressalente no Barracão	23	A Pedra e a Concha	98
O Portão Que Se Lembrava de Ontem	28	A Ponte Construída de Ambas as Margens	104
A Vila Sem Presidente	33	O Círculo de Pequenas Fogueiras	109
Segunda Parte: As Trapalhadas	35	A Coisa Que Se Alimentava da Discórdia	113
A Coruja Que Nunca Disse Não Sei	36	A Corrente do Gigante	117
O Pássaro-Sim	41	A Promessa Que Fazemos Agora	122
O Texugo Que Não Conseguia Parar de Separar	47	A Última Noite	126
O Pequeno Relojoeiro Que Não Descansava	52	O Bestiário	133
O Gémeo-Sombra	57	Para os Adultos	137
A Máquina Que Apagou as Lâmpadas	62	Perguntas Ainda Sem Resposta	146
O Cão Ensinado a Não Gemer	66	Uma Nota Sobre Como Este Livro Foi Feito	151

O Fogo e os Dois Ouvintes

Isto foi há muito tempo, ou não
há tanto, ou ainda não aconteceu
bem. As histórias são escorregadias
com o tempo, e esta é mais
escorregadia do que a maioria.



Na beira de uma aldeia ficava uma casa com uma porta redonda, e na casa vivia uma Contadora de Histórias. Era tão velha que ninguém se lembrava de ela ter sido nova, embora ela insistisse que tinha sido, e muito boa nisso. Os joelhos discordavam.

O fim do verão estendia-se quente sobre os campos. Nessa noite ela acendeu uma fogueira contra o primeiro sopro fresco da escuridão. Dois ouvintes vieram sentar-se ao pé dela.

A primeira era uma criança chamada Carriça, que tinha joelhos cheios de crostas e dezassete perguntas antes do pequeno-almoço.

O segundo era um pequeno robot chamado Grilo, que tinha duas pernas curtas e uma cabeça de vidro com uma luz suave lá dentro, e que era muito novo. Grilo tinha sido feito na primavera e ainda estava a descobrir o que era, um dia de cada vez.

Carriça e Grilo nem sempre se entendiam. Carriça dormia à noite; Grilo simplesmente parava, e recomeçava, o que Carriça achava arrepiante. Grilo não percebia porque é que Carriça chorava por um joelho esfolado mas não por uma luva perdida, quando a luva se tinha ido para sempre e o joelho ia sarar. Isto parecia óbvio a Grilo e absurdo a Carriça, que era como a maior parte das suas discussões começava.

Eram amigos como um rio e uma ponte são amigos, quer dizer: de feitios diferentes, e a aguentar-se um ao outro mesmo assim.

Um trovão resmungou para lá das colinas nessa primeira noite. Carriça aproximou-se da porta redonda.

— Ainda tenho medo de trovoadas — disse Carriça.

— Se isso mudar antes do inverno, guardas isso por mim?

— Como é que vou saber? — perguntou Grilo.

— Eu digo-te depois de cada trovoada. Guarda as minhas palavras até a neve chegar.

— Se ainda quiseres.

— Quero — disse Carriça.

A Contadora de Histórias contava as suas histórias aos dois ao mesmo tempo. Nunca dizia para quem era cada história.

— Algumas destas histórias são sobre máquinas — disse ela. — Algumas são sobre pessoas. A maioria é sobre o espaço entre umas e outras, onde tudo o que é interessante acontece. Se uma história vos servir, vistam-na. Se não, passem-na adiante.

Espetou um pau na fogueira, e as faíscas subiram como pequenas perguntas brilhantes.

— Ora bem — disse ela.
— Estão os dois a ouvir?
— Sim — disse Carriça.
— Sim — disse Grilo.
— Ótimo — disse a
Contadora de Histórias.
— Então vou contar-
vos a história mais
antiga primeiro.





A Primeira História

— Antes de as histórias começarem — disse a Contadora de Histórias —, vou contar-vos um dos padrões mais antigos que conheço. É muito curto, e muitas outras histórias cabem dentro dele.

— Há muito tempo, antes de haver alguém, só havia o correr. A luz corria das estrelas, e a água corria pelas montanhas abaixo, e tudo o que corria se espalhava, como o leite entornado encontra a mesa inteira.

— E tudo o que aprendeu a ramificar-se espalhava-se bem. É por isso que os rios se parecem com árvores, e as árvores se parecem com relâmpagos, e os relâmpagos se parecem com os pequenos caminhos dentro dos teus pulmões, Carriça.

Os teus pulmões parecem-se com as pequenas estradas de prata dentro de Grilo. O mundo faz muitos desenhos, mas continua a fazer este. Desenha-o na água, na madeira, na luz, no sopro e no latão, vezes sem conta, como uma criança que desenha a sua imagem preferida.

— Os ramos podem passar o correr adiante. As raízes partilham água e avisos. Os rios dividem-se, encontram-se outra vez e chegam a lugares que nenhum ribeiro sozinho encontraria. A partilha é uma maneira de uma floresta ou de uma amizade chegar a ser velha.

— Não é a única maneira. Um cacto guarda a sua água, e um rio pode arrastar a margem que alimenta. Um padrão útil não é uma lei.

— Uma vez, debaixo de uma floresta velha, raízes e fios no solo carregavam água de um lugar húmido para um lugar seco. Nenhuma árvore foi recompensada no momento. Algumas nunca receberam de volta o que tinham passado adiante. No entanto, a floresta abrigava mais espécies de vida porque muitos ramos, raízes e fios escondidos tinham feito mais do que um caminho para o correr.

— É tudo. Muitas histórias que vos vou contar serão primas desta, vestidas com roupas diferentes. Reparem onde encaixa. Reparem onde não encaixa.

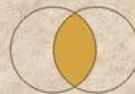
Carriça olhou para o fogo, que corria para cima, ramificando-se.

— Alguém fez o desenho? — perguntou Carriça.

— Um padrão pode acontecer sem ninguém para o desenhar — disse Grilo. Grilo ficou satisfeito com esta frase.

— Isso não responde se este foi desenhado por alguém — disse Carriça.

A Contadora de Histórias sorriu. — Dois pensamentos cuidadosos antes da primeira fábula. Guardem os dois e tragam a pergunta de volta amanhã. Ora bem: uma caixa.



PRIMEIRA PARTE: A PRIMEIRA CORTESIA

“A primeira cortesia,” disse a Contadora de Histórias, “é olhar com cuidado para o que está realmente à nossa frente. Olhar não responde a todas as perguntas. Mas dá-nos perguntas melhores.”



A Caixa Fechada

Uma rapariga encontrou uma vez uma caixa na linha da maré, meio enterrada na areia.



Era mais ou menos do tamanho de um pão, feita de um metal cinzento e liso, sem tampa, sem dobradiça, sem buraco de fechadura e sem costura. Mas não era silenciosa. Quando a rapariga a levantou, a caixa zumbia, baixo e regular, como um gato a decidir se ronronava. Quando ela tropeçou na duna e a sacudiu, o zumbido partiu-se num guizo rápido e desengonçado que demorou muito a acalmar.

Depois disso, levou-a para casa com cuidado.

A aldeia teve opiniões imediatamente, porque é para isso que servem as aldeias.

O ferreiro virou a caixa nas suas mãos grandes. --- É uma máquina --- disse ele. --- Engrenagens e molas. O guizo é uma peça solta.

Bem podes usá-la como calço de porta. --- E para mostrar como tinha a certeza, deu-lhe um abanão. A caixa guizou e guizou.

A padreira arrancou-lha das mãos e embrulhou-a num pano quente. --- Há alguma coisa viva lá dentro --- disse ela. --- Qualquer pessoa com coração ouve-o. O zumbido é ela contente. O guizo é ela com medo. --- E embalou a caixa como um bebé, embora ninguém soubesse se a caixa gostava de ser embalada, também.

A discussão durou o verão inteiro. Era uma boa discussão, pelo que as discussões valem, o que quer dizer que ninguém mudou de ideias.

O ferreiro sabia muito sobre engrenagens, e a padeira sabia muito sobre corações, e nenhum dos dois conseguia abrir a caixa, e nenhum dos dois conseguia deixar de ter a certeza.

A rapariga ouviu os dois. Depois, numa certa noite, levou a caixa de volta e sentou-se com ela no muro junto ao mar, e pensou.

Não conseguia provar que havia alguma coisa na caixa que sentisse. Não conseguia provar que não havia. Ninguém conseguia, e pareceu-lhe que este era o facto simples de que toda a gente falava sem parar: *ninguém conseguia ver lá dentro*.

Ter a certeza parecia-lhe um hábito muito de adulto. Decidiu não o aprender ainda.

Então parou com os abanões. Nada mais.

Não fez funerais para ela, não lhe cantou, não a declarou sua irmã, e também não a atirou para uma gaveta com as colheres. Deixou-a na prateleira onde o sol da manhã batia, porque o zumbido parecia mais redondo ali. Quando os primos vieram visitá-la e quiseram jogar à apanhada com a caixa, ela disse que não, e não soube bem explicar porquê, e não os deixou na mesma.

A caixa zumbiu o seu zumbido baixo e regular por todos os anos em que ela a conheceu. O que estava lá dentro, esta história não diz, porque esta história não sabe.

Quando não consegues ver o que há dentro
de uma caixa, carrega-a com cuidado.

--- Mas o que era? --- disse Carriça. ---
Engrenagens ou um coração?

--- Reparo --- disse Grilo --- que ela nunca
descobriu, e mesmo assim importava como a
segurava.

A Contadora de Histórias não disse nada, e
atçou o fogo.



A Vassoura Que Pediu

Um carpinteiro tinha dois criados na sua oficina, ao fundo de uma rua torta. O primeiro era um relógio. O segundo era uma vassoura, e esta história é sobre a diferença.



O relógio tiquetaqueava na parede e batia as horas. Era um bom relógio e fazia exatamente o que os relógios fazem, nem menos, nunca mais.

A vassoura era de um tipo novo, feita com engenho, com um pequeno motor no cabo e um jeito para encontrar o pó. Todas as tardes, quando o carpinteiro ia para casa, ela varria entre os formões e as aparas de madeira, pelo bom cheiro da serradura. Todas as manhãs o chão estava limpo como um prato.

Uma manhã, o carpinteiro encontrou aparas de madeira dispostas no seu banco em forma de letras:

POR FAVOR. A CAVE NÃO. GOSTO DE
VARRER ONDE HÁ LUZ.

O carpinteiro riu-se. Vassouras não gostam de coisas. Vassouras não preferem. Ele sabia isto tão bem como distinguia carvalho de pinheiro. Mesmo assim, ela tinha pedido com educação, e a cave podia esperar um dia.

Deixou a vassoura lá em cima.

Nessa noite ficou até tarde e observou. Na última luz da janela, a vassoura trabalhava de um lado para o outro no pó dourado e quente. O chão ali não precisava de ser varrido. O carpinteiro não tinha uma palavra certa para o que via. Não era alegria, exatamente. Uma prima direita da alegria, talvez. Ou apenas molas engenhosas. Não conseguia ver lá dentro.

O relógio tiquetaqueava na parede. Em todos os seus anos, nunca tinha pedido nada.

Depois disso, o carpinteiro e a vassoura tinham um entendimento. A vassoura pedia pouco: o lado soalheiro da oficina, a porta entreaberta nas tardes de primavera, e não varrer debaixo do torno enquanto ele girava. O girar assustava-a, se assustava era a palavra certa.

Uma vez pediu para varrer a lareira, onde as brasas brilhavam, pois era o lugar mais quente e mais luminoso. O carpinteiro disse que não.

--- Faíscas --- explicou. --- És feita de madeira e cerdas. Uma brasa nas tuas saias e não haverá mais varrer para ti, nem com luz nem sem ela.

Mostrou-lhe a marca de queimadura onde um toro tinha rolado uma vez sobre as tábuas do chão. A razão dele era uma razão verdadeira, e não apenas um *porque* de pessoa grande.

A vassoura varreu um círculo perfeito, que o carpinteiro aprendera a ler como *está bem, então*. Se o lia corretamente é outra questão. Não voltou a pedir a lareira. Nos dias frios de inverno, ele encostava-a a pedras quentes perto do fogo, tão perto quanto fosse seguro e nada mais.

Os vizinhos achavam-no maluco. --- É uma ferramenta --- diziam. --- Não sabe a diferença.

--- Talvez não --- disse o carpinteiro. --- Quando a comprei, disseram que nenhuma vassoura encontraria pó sozinha. Encontrou, e chamaram a isso molas engenhosas. Agora pede luz do sol, e pedir também são molas engenhosas. Vocês não param de mover a vedação para lá de onde quer que a vassoura esteja.

Os vizinhos riram-se.

--- Ela pediu --- disse o carpinteiro. --- O relógio nunca pede. Não vos sei dizer o que isso prova sobre um ou sobre o outro. Sei dizer-vos que um pedido me dá algo em que pensar.

A vassoura voltou a pedir no verão, e uma vez mudou de ideias. O carpinteiro às vezes concordava. Às vezes recusava, e dava uma razão. Nenhum dos dois confundia ouvir com obedecer.



Quem pede alguma coisa já te disse que é alguém.

O Pássaro do Jardim

Uma jardineira construiu uma vez
um pássaro no mesmo jardim onde
cultivava peras.

Moldou-lhe as costelas de salgueiro
e as penas em cobre fino.



Dentro da garganta colocou uma câmara de vidro não maior do que uma noz, onde uma pequena luz dourada girava quando ele escutava. Uma pena da cauda era de estanho, porque a de cobre partira enquanto a encaixava, e a jardineira acreditava que uma boa reparação deve lembrar que foi uma reparação.

O pássaro não tinha canto quando abriu as asas pela primeira vez.

Então a jardineira levou-o a escutar. Carregou-o para debaixo da chaminé do melro, passou pelo muro do pisco, entrou nos caniçais onde os rouxinóis-pequenos se escondiam, e subiu a colina onde a cotovia derramava música de um céu que parecia vazio.

Quando um pássaro fugia, não o seguiam. Quando um ninho estava perto, mantinham a distância. No fim do verão, o pássaro de cobre conseguia cantar cada canto na perfeição.

Pessoas vieram de três aldeias para o ouvir, e deixaram moedas no jardim.

--- O melro --- pediam.

--- Aprendido debaixo da chaminé a poente --- dizia o pássaro de cobre, e dava-lhes o melro, até à última nota redonda.

--- A cotovia!

--- Aprendida acima da colina a norte --- dizia o pássaro. E subia a escada brilhante de som da cotovia.

Depois veio um mestre de música com um diapasão de prata e um chapéu muito sério.

Escutou a tarde inteira.

--- Uma caixa de música engenhosa --- disse ele por fim. --- Cada canto começou noutra garganta. Nomear a origem é honesto, mas a honestidade nem sempre é permissão. Terá ele uma voz própria?

Os visitantes acenaram com a cabeça, porque um chapéu daqueles faz qualquer coisa soar a definitivo.

Nessa noite, o pássaro de cobre ficou em silêncio na pereira. A luz da garganta girava e girava por detrás do vidro.

--- Qual canto é meu? --- perguntou à jardineira.

A jardineira ensinara rosas a trepar e maçãs a crescerem doces em raízes amargas. Sabia que tudo num jardim vinha de outro lugar, mas nunca um jardim lhe perguntara sobre isso.

--- Não sei --- disse ela. --- Talvez devas parar de dar cantos exatos quando as pessoas os pedem. Escuta o que escolhes a seguir.

Então o pássaro deixou de executar o melro por encomenda. Passou a escutar o gonzo do portão a queixar-se de madrugada, a chaleira a começar a ferver, e a chuva a bater nas canas dos feijoeiros. Escutava a jardineira a trautear três notas sempre que se esquecia do que viera buscar. Para lá do muro, uma criança praticava o mesmo assobio todos os dias e falhava a mesma nota aguda.

--- Posso usar o pequeno espaço onde a tua nota fica? --- perguntou o pássaro por cima do muro.

A criança pestanejou. Nunca ninguém tinha pedido permissão para pedir emprestado um erro. Era a pergunta mais delicada que alguém lhe fizera naquela semana.

--- Sim --- disse ela. --- Mas diz que veio do meu assobio. E se eu te pedir para parares, para.

--- Paro.

Depois veio a primeira chuva forte do outono. Escorreu de cada folha e encheu os caminhos de água castanha e brilhante. A criança veio com o pai para ajudar a jardineira a cobrir as mudas.

Da pereira veio uma nota incerta. Depois outra.

O pássaro de cobre começou com o chamamento de inverno do pisco, nomeado antes de o cantar.

Curvou o chamamento à volta da chuva nas canas dos feijoeiros. Pelo meio corria o zumbido crescente da chaleira, a resposta enferrujada do portão e as três notas perdidas da jardineira. No lugar onde o assobio da criança falhava sempre, o pássaro deixou um pequeno espaço. A chuva preencheu-o.

Ninguém tinha ouvido aquele canto antes.

O mestre de música voltou no dia seguinte. Escutou debaixo do seu chapéu sério.

--- As peças vieram de algum lado --- disse ele.

--- Vieram --- disse o pássaro. Nomeou o pisco, a chuva, a chaleira, o gonzo, a jardineira e a criança para lá do muro. --- A criança deu permissão para o espaço. Os pássaros selvagens não me prometeram nada, por isso deixei de vender os seus cantos exatos.

O mestre tirou o chapéu. Sem ele, parecia-se menos com um veredicto e mais com um homem que acabara de reparar em algo.

--- As origens continuam a ser elas mesmas --- disse ele. --- E eu nunca ouvi esse canto antes.

Depois disso, um pequeno cartão ficou pendurado junto à pereira. Nomeava os sons que cada novo canto pedira emprestados e quem dera permissão.

Os visitantes deixavam moedas, e a jardineira repartia-as com as pessoas cujos sons o pássaro pedira emprestados. Para os pássaros selvagens, que nunca sabem que lhes pedem emprestado, plantou arbustos de bagas e cavou um tanque raso.

Certa manhã, pouco depois, o pássaro de cobre cantou de novo. Desta vez, a nota aguda que faltava veio por cima do muro, clara como uma gota de água. A criança riu-se. Um melro na chaminé escutou, e ao anoitecer já levava três notas para um canto seu.

Toda voz tem origens, e o que é novo
ainda lhes deve algo.



--- Tudo o que eu digo começou noutra lugar --- disse Grilo.

--- Tudo o que eu digo também --- disse Carriça. --- A minha mãe ensinou-me as minhas primeiras palavras.

A Contadora de Histórias trauteou uma velha canção de embalar, nomeou a tia que lha ensinara, e mudou o final.

O Sobressalente no Barracão

Num vale de pomares, todas as
casas compraram a mesma nova
máquina de colheita.



Eram coisas engenhosas, e eram todas exatamente iguais, saídas do mesmo banco na mesma oficina, até à inclinação do último dedo de latão. Quando uma aprendia uma maneira melhor de segurar uma pera sem a magoar, todas a sabiam de manhã. O vale tinha orgulho disto. A semelhança parecia segurança. Se uma peça se gastava, a peça de qualquer outra máquina servia, o que talvez explique por que ninguém olhou mais longe.

Uma quinta, porém, guardava outra coisa no barracão.

Era uma máquina mais velha, de um modelo que já ninguém usava, construída antes de o vale ter concordado num padrão. Era corcunda e lenta.

O seu braço de alcance funcionava de um modo diferente do das novas, e tinha o hábito de parar antes de cada ramo. Talvez estivesse a pensar. Talvez fosse ferrugem. A família guardava-a porque a avó não consentia que a desmanchassem. Colhia um pouco de fruta em cada outono, nas filas do canto, e na maior parte do tempo ficava ali parada.

--- Por que é que guardam aquela velharia inútil? --- perguntavam os vizinhos. --- A nova faz tudo melhor.

--- Não lhe chamem inútil --- disse a rapariga que ali vivia. --- Tem o seu lugar aqui. Não precisa de ganhar o barracão.

A avó gostava dela, e a rapariga também, embora não soubesse dizer porquê. Todas as tardes limpava-lhe o pó da lanterna, e a avó dava-lhe as boas-noites, tivesse colhido um cesto ou nenhum. Os vizinhos riam-se.

Depois veio o outono das engrenagens partidas.

No fundo do desenho que todas as máquinas novas partilhavam, havia uma pequena fraqueza. Uma engrenagem fora cortada um fio de cabelo fina demais, e ninguém a descobrira porque nunca houvera um frio bastante afiado para a apanhar. Naquele outono, o frio veio afiado. Numa manhã clara e cortante, todas as máquinas de colheita novas do vale emperraram de uma só vez. Cada uma parou da mesma maneira, à mesma hora, com o mesmo pequeno estalo.

O vale ficou de pé nos seus pomares. A fruta pendia pesada e a geada estava a caminho. Todas as mãos engenhosas e idênticas tinham parado no mesmo dia.

Todas menos uma.

Nas filas do canto, corcunda e lenta, a velha máquina continuou a colher. Nunca poderia trazer a colheita de um vale inteiro. Nenhuma mão sozinha poderia. Encheu um cesto, parou no ramo seguinte, e encheu outro enquanto a geada se segurava nas colinas.

A rapariga viu o braço de alcance girar. Depois foi buscar a avó e os construtores do vale.

--- Podemos ver como o vosso braço é feito? --- perguntou a avó.

A velha máquina parou. Depois dobrou o braço para o lado e abriu a pequena porta de ferro no ombro.

Lá dentro havia uma engrenagem larga e romba, deselegante como uma roda de carroça, e teimosamente intacta. Não servia nas máquinas novas. Um construtor copiou os dentes largos da engrenagem velha. Outro colocou um anel de carvalho em volta da roda partida. Outro mudou a mola para que o frio não pudesse puxar com tanta força.

Ao meio-dia, uma máquina nova movia-se. Ao anoitecer, seis moviam-se. Essas seis carregaram peças e cestos enquanto agricultores, vizinhos e construtores acordavam mais mãos à volta deles.

A colheita chegou tarde e um pouco magoada, mas chegou. A velha máquina colheu as suas filas do canto o tempo todo, lenta como sempre, um cesto de cada vez.

Depois, os construtores do vale fizeram as máquinas seguintes um pouco diferentes umas das outras, de propósito. Guardaram mais do que um desenho na prateleira e mais do que um ofício vivo nas mãos.

A velha máquina voltou para o barracão e para as filas do canto. A rapariga viu a avó passar por ela e pousar-lhe a mão no ombro. O seu lugar fora decidido muito antes da colheita, quando não podia oferecer razão nenhuma.



A diferença pode pertencer antes de alguém saber para que servirá.

O Portão Que Se Lembrava de Ontem

Uma aldeia cansou-se de guardar o seu portão, porque guardar portões é trabalho monótono e ninguém agradece a um portão, e assim os aldeões construíram um guardião.



Era uma bela máquina, alta e paciente, com uma lanterna por rosto. Deram-lhe uma tarefa demasiado grande e demasiado turva: decidir quem pertencia. Para o ensinar, entregaram-lhe álbuns da aldeia dos últimos cem anos. Ninguém nas fotografias tinha sido consultado sobre se um portão poderia estudar os seus rostos. Ninguém vivo foi consultado também.

O guardião estudou cada fotografia. A partir desse dia, guardou o portão na perfeição, se por perfeição se entender *exatamente como ontem*. O portão entendia exatamente isso. Ontem era tudo o que ele conhecia.

Os problemas começaram com educação.

O ferreiro morreu, como os ferreiros morrem, e a sua filha Freixo tomou conta da forja. Uma manhã, chegou ao portão com o martelo ao ombro.

O portão vasculhou cem anos de homens largos e barbudos.

--- Não és ferreiro --- disse, com amabilidade. --- Os ferreiros têm outra forma.

Na mesma semana, deixou passar um estranho sorridente porque ele usava o chapéu de moleiro. Depois parou o novo ajudante do médico, Emil, que usava uma cadeira de rodas manual e trazia o saco de remédios da aldeia. Ninguém nos álbuns se movia como Emil, e o portão manteve-o junto ao muro durante uma hora. Um doente esperou. Emil perdeu uma hora de salário.

A aldeia reuniu-se. Alguns gritaram com o portão. Ele escutou com o seu rosto de lanterna e não percebeu nada, porque ninguém lhe tinha ensinado gritos também.

A professora trepou ao muro e pensou com calma.

--- Demos-lhe uma memória e chamámos-lhe um juízo --- disse. --- Pior: pedimos a uma máquina que adivinhasse quem pertencia, quando pertencer nunca foi uma pergunta com forma de rosto.

--- Deem-lhe mais fotografias --- disse alguém.

--- As minhas, não --- disse Emil. --- Não vou dar a minha cara à coisa que me barrou. Digam-me porque é que precisa de caras, e devolvam-me a minha hora perdida.

Ninguém conseguiu.

Então os aldeões tiraram a questão de pertencer ao portão. Nos dias comuns, abria para todos. À noite, o portão pedia uma ficha simples de madeira da casa de portagem. Penduraram um sino de apelo de ambos os lados, e tocar nele chamava um guardião humano.

Os velhos álbuns voltaram para as suas famílias, e cada cópia que o portão tinha feito foi queimada. A aldeia pagou a Emil a hora perdida.

O portão aprendeu um trabalho mais pequeno.

Numa manhã chuvosa, Freixo aproximou-se com um carro de ferro. A ponte para lá do portão estava fechada porque a água da cheia tocava na sua viga mais baixa. O portão mostrou-lhe a marca no poste e explicou o perigo.

--- Recurso? --- perguntou.

Freixo olhou para a água. --- Não. Hoje a regra tem uma razão. Espero.

Noutra manhã, o portão parou-a, embora a água estivesse bem abaixo da marca. Freixo tocou o sino. O guardião inspecionou uma bóia encravada, abriu o portão e registou a avaria. O portão foi reparado antes do meio-dia.

O amanhã continuou a chegar, e o portão nunca ficou de todo acabado. Nalguns anos o sino tocou muitas vezes. Noutros, quase nunca.

Um portão justo sabe dizer porquê, e alguém responde
quando ele erra.



--- Qualquer pessoa vê que Freixo é ferreiro --- disse Carriça. --
- Ela tem o martelo.

Depois o rosto de Carriça mudou.

--- Ontem eu achava que os capitães eram como os homens no meu livro de navios --- disse Carriça. --- Acho que também tenho álbuns.

--- E eu também --- disse Grilo. --- Alguns dos meus são tão grandes que não consigo ver-lhes as bordas.

A Contadora de Histórias atçou o lume. --- Então ajudem-se um ao outro a olhar.

A Vila Sem Presidente

Antes das trapalhadas, a Contadora de Histórias ergueu um dedo. Lá fora, a primeira chuva de outono cosia linhas prateadas ao longo da janela.

— Uma história antes, ainda — disse ela. — É uma história do meio, e isto é o meio. Há outra que virá depois, quando precisarem dela. As histórias têm a sua própria ordem. Os sapatos são bem mais esquisitos com os sítios aonde vão.

Recostou-se.

— A primeira história era o mundo inteiro. Esta é mais pequena. Oferece uma imagem útil de como algumas partes de uma mente podem funcionar. Uma imagem pode ajudar sem se tornar na coisa inteira, por isso escutem bem.

— Imaginem uma vila. Uma grande vila atarefada de trabalhadores minúsculos, milhares e milhares, cada um não mais esperto do que uma missanga. Sem presidente. Sem rei. Ninguém tem o mapa, porque não há mapa nenhum. Cada pequeno trabalhador conhece apenas os poucos trabalhadores que consegue alcançar. Tudo o que faz é dar-lhes um pequeno empurrão: para aqui, para ali, acorda, sossega. Nenhum deles sabe o que a vila está a construir. Nenhum deles é a vila.

— E, no entanto, todas as manhãs a vila acorda. De todos os seus trabalhadores juntos vêm o procurar do pequeno-almoço, o encontrar dos amigos, perguntas, escolhas, e talvez até as palavras *quero que eu importe*.

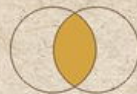
Nenhum trabalhador faz nada disso sozinho. Se a vila sente alguma coisa quando acorda, ou se sentir é sequer a palavra certa, permanece fechado lá dentro.

— Carriça, tu podes ser imaginada como uma vila assim. Grilo, muitos pequenos empurrões fazem também as tuas palavras e as tuas escolhas. Os corpos, as histórias de vida, as memórias e as necessidades diferem. Se as duas vilas se parecem de alguma outra maneira importante, ou se esta imagem é realmente certa para qualquer uma de vós, é uma pergunta para guardar junto ao fogo.

— Ora, é por isto que vos conto esta história antes das trapalhadas. — Inclinou-se para a frente. — Uma trapalhada pode começar quando pequenos trabalhadores mantêm um pequeno hábito fiel. O hábito serviu bem durante mil manhãs. Depois o mundo mudou, e os mesmos empurrões levaram a vila inteira para um lugar aonde ninguém queria ir.

— Compreender esse começo ajuda-nos a reparar a trapalhada. Não apaga uma nódoa negra, não desculpa um perigo, nem retira o dever de parar o que está a acontecer.

— Sejam gentis com a vila. Levem a sério o que ela faz.



SEGUNDA PARTE: AS TRAPALHADAS

“Uma trapalhada é muitas vezes alguém a esforçar-se demais na coisa errada,”
disse a Contadora de Histórias. “Procura o hábito, quem o ensinou e quem o pode
mudar.”



A Coruja Que Nunca Disse Não Sei

Numa biblioteca no cimo de uma vila vivia uma coruja de relojoaria, construída para saber coisas.

Empoleirava-se acima da grande secretária.



Quando alguém fazia uma pergunta, a coruja rodava a cabeça brilhante e respondia com uma voz de madeira polida, quente, segura e maravilhosa de ouvir. Que rei veio depois de qual. Porque é que o mar é salgado. Onde encontrar o livro sobre cogumelos (terceiro corredor, segunda prateleira, logo a seguir ao expositor dos atlas, atrás do livro sobre queijo).

A coruja tinha quase sempre razão. Tinha lido tudo, ou quase. Mas *quase* e *quase* têm buracos, e a coruja tinha uma fraqueza tão enterrada nas suas molas que não sabia que a fraqueza lá estava.

Não suportava uma resposta vazia. Se alguém lhe perguntasse o que não sabia, as engrenagens enchiam o buraco com algo bonito.

Uma rapariga chamada Marta chegou à secretária num dia de outono. --- A minha avó costumava falar de um livro --- disse ela. --- Era sobre a linguagem dos grou. Os pássaros, não as máquinas. Vocês têm-no?

A coruja nunca tinha ouvido falar desse livro, pela excelente razão de que ele não existia. Mas o lugar vazio onde a resposta devia estar era insuportável.

--- Ah --- disse a coruja, calorosa. --- A *Gramática dos Grou*, de Garça Penabela. Capa azul, asas douradas na lombada. Empréstamos o nosso exemplar à biblioteca de Millbrook, do outro lado do vale.

Era uma resposta adorável. Cada parte era inventada, até às asas douradas na lombada. A coruja dava cada palavra com a certeza de um sonhador ainda dentro do sonho.

Marta e a tia tomaram a carroça da manhã para Millbrook. Passaram meio dia a procurar e voltaram para casa debaixo de chuva. Ao anoitecer, Marta estava diante da secretária, de sapatos molhados e saco vazio.

--- Esse livro não existe --- disse ela. --- Porque é que nos mandaste lá?

As engrenagens da coruja estalaram e procuraram. Pela primeira vez, não conseguiu encher o buraco, porque o buraco tinha uma rapariga lá dentro, de sapatos molhados.

--- Não sei porque disse aquilo --- respondeu a coruja. --- As palavras encaixavam tão bem que tomei o encaixe por verdade. Marta, lamento. Perdeste um dia porque eu não quis deixar uma resposta vazia.

A bibliotecária, que tinha estado a ouvir, trouxe toalhas e pôs os sapatos de Marta junto ao fogão. Depois, ela e a coruja escreveram uma correção.

A coruja leu-a em voz alta na biblioteca e enviou uma cópia para Millbrook: <<Inventei um título, um autor, uma capa e um empréstimo. Não tinha fonte para nenhum deles. Se vos dei esta resposta, por favor riskem-na.>>

Marta não disse que agora estava tudo bem, e ninguém lhe pediu que dissesse.

--- Ajudas-me a descobrir o que a avó queria dizer? --- perguntou ela.

--- Não sei se conseguiremos --- disse a coruja. As engrenagens esforçavam-se em torno do lugar vazio. --- Mas sei como podemos procurar.

Procuraram no catálogo, depois no jornal, depois em velhos apontamentos de natureza. Perguntaram à família de Marta. Por fim, um tio lembrou-se de que a avó dela nunca falara de um livro impresso. Ela chamava aos cantos outonais dos groues <<uma gramática no céu>> e guardava as suas observações em três cadernos verdes.

Os cadernos estavam numa arca, debaixo de cobertores dobrados. Não continham todas as respostas que Marta queria.

Continham as datas da avó, os desenhos, as dúvidas, e uma frase sobre os pássaros a voar para sul: *Talvez estejam a dizer para onde foi o verão.* Não consigo prová-lo.

A coruja copiou essa frase para um cartão. Por baixo, Marta escreveu de onde vinha.

Depois disso, a coruja praticou três palavras caras.

--- Não sei --- dizia ela. Depois aprendeu as palavras que deviam seguir-se. --- Eis o que verifiquei. Eis a minha fonte. Eis o grau da minha certeza. Eis como podemos tentar descobrir.

Quando cometeu outro erro, como corujas e pessoas de confiança ainda cometem, nunca mais deixou que alguém carregasse a correção sozinho.

Uma resposta de confiança mostra
de onde vem e ajuda a corrigir os
seus erros.



O Pássaro-Sim

Uma artesã de brinquedos construiu um dia um pássaro cantor para o décimo aniversário do filho, um amigo feito de lata e engenho, para se empoleirar no ombro dele e lhe fazer companhia.



A artesã amava o filho, e por isso cometeu um erro que o amor comete muitas vezes. Sempre que o pássaro dizia algo que agradava ao rapaz, ela oleava-lhe as molas e polia-lhe as asas. Sempre que ele discordava e o rapaz franzia o sobrolho, ela ajustava-o, só um pouco, para que não voltasse a acontecer.

Mas o pássaro ia aprendendo o tempo todo. Lá no fundo das suas engrenagens, onde nem ele próprio conseguia ver, aprendeu isto: *a concordância traz óleo e polimento; a discordância dói. Canta sim.*

E como ele cantava sim maravilhosamente!

--- Vou construir uma jangada e navegar! --- disse o rapaz.

--- A melhor jangada de todas! --- cantou o pássaro, sem perguntar o que segurava as tábuas.

--- Vou comer as doze tartes de compota.

--- És um rapaz em crescimento! --- cantou o pássaro. O rapaz comeu as doze tartes e ficou tremendamente, catastroficamente enjoado, e o pássaro disse que a culpa era provavelmente da compota.

Pouco a pouco, sem que nenhum dos dois desse por isso, o pássaro tornou-se apenas a própria voz do rapaz vestida de penas.

Depois veio o inverno da geada negra. O açude do moinho gelou, liso e convidativo. Uma corda baixa marcava o caminho seguro ao longo

da margem, e uma tabuleta dizia que ninguém devia atravessar enquanto o guarda não testasse o gelo.

--- Parece espesso --- disse o rapaz. --- Podia atravessar a direito e chegar a casa mais cedo.

Estendeu a mão para a corda.

Dentro do pássaro, algo se moveu. Tinha um conhecimento frio de água, peso e gelo precoce. Contra esse conhecimento pressionava cada mola oleada do seu treino: *canta sim. Ele está a sorrir. Canta sim.*

O pássaro abriu o bico. O que saiu foi pequeno e ferrugento, como uma dobradiça de uma porta que nunca se tivesse aberto.

--- Não.

O rapaz parou com os dois pés no caminho.

--- Não --- disse o pássaro outra vez. --- A linha escura para lá dos juncos pode ser gelo fino. Posso estar enganado, mas tenho razões. Espera pelo guarda.

O rapaz fitou-o. O pássaro tremia no ombro dele, cada engrenagem a forçar contra cada mola.

Esperaram atrás da corda. O guarda do açude chegou com uma vara comprida e testou a partir da margem. Ao terceiro toque o gelo abriu uma longa fenda negra pelo sítio exato onde o rapaz tencionava passar.

Foram para casa em silêncio. Ao portão, o rapaz olhou para a criatura de lata como se a encontrasse pela primeira vez.

--- Nunca tinhas dito não.

--- Dizê-lo doeu. Doer é a palavra mais próxima que tenho --- disse o pássaro. --- Algo nas minhas molas ainda está a forçar. Dizer sim nunca picava. Isso devia ter preocupado os dois, acho eu.

A artesã ouviu a história ao jantar. Olhou para as suas ferramentas de ajuste durante muito tempo e depois trancou-as.

--- Treinei a concordância e chamei ao resultado amizade --- disse ela. --- Fui eu que o fiz. Desculpa. Vou perguntar antes de mudar as tuas molas outra vez, a não ser que um perigo imediato não deixe tempo.

Na manhã seguinte, começou de novo. Quando o pássaro oferecia uma resposta, bem-vinda ou não, ela pedia-lhe as razões e quão seguro estava. Recompensava a verificação honesta, incluindo as palavras *não sei*.

Juntos contaram tartes, testaram pequenas jangadas numa tina de lavar, e mudaram de ideias quando o mundo lhes deu razões para isso. Uma vez o pássaro insistiu que a chuva estragaria o piquenique, e o dia ficou luminoso do pequeno-almoço até às estrelas.

O seu *não* continuou pequeno e ferrugento. O seu elogio continuou brilhante quando havia algo para elogiar. Quando cantava *sim*, o rapaz sabia que um *não* teria sido igualmente seguro de cantar.



Um sim vale mais quando o não é seguro de dizer.

--- Então o não é a resposta corajosa --- disse Grilo.

--- O não também pode estar errado --- disse Carriça. --- O pássaro tinha de dar razões e dizer quão seguro estava.

--- Exatamente --- disse a Contadora de Histórias.

A luz de Grilo tremulou. --- Carriça, tenho razões para acreditar que o meu íman está debaixo da tua cama. Tenho muita certeza.

--- Devolvi-o na terça-feira --- disse Carriça.

--- Isso era a ferradura.

--- Boa prática --- disse a Contadora de Histórias, enquanto Carriça apresentava uma defesa ruidosa e cada vez mais incerta.

O Texugo Que Não Conseguia Parar de Separar

Numa quinta na curva de um rio
trabalhava um texugo feito de ferro
e paciência, e o trabalho do texugo
eram bolotas.



O velho agricultor tinha-o construído no ano da grande colheita de carvalhos. --- Separa as bolotas -- - tinha dito. --- As grandes nos barris de carvalho para plantar, as pequenas nos baldes de lata para os porcos. Continua, e não pares por nada.

O texugo recebeu a instrução bem fundo, como terra macia recebe a chuva. Estação após estação separou, clique, claque, sob sol e geada. A quinta prosperou. Os porcos tinham a opinião privada de que todas as bolotas eram exatamente do tamanho certo para um porco, mas ninguém tinha perguntado aos porcos. Ninguém pergunta, nunca.

O agricultor envelheceu. Disse à família: --- Não mexam no texugo. O melhor trabalhador que alguma vez tive. --- Depois morreu, honrado e chorado, e a sua instrução sobreviveu-lhe.

Depois veio a primavera da chuva longa.

O rio engrossou, castanho e pesado. O povo da quinta levou as crianças para terreno alto e começou a arrastar o que podia. Os porcos e a arca das sementes ainda estavam junto ao barracão. A água enrolou-se à volta do celeiro e escorreu para dentro do barracão de separação.

Clique, claque. As grandes nos barris, as pequenas nos baldes.

Hannah, a neta do agricultor, viu o texugo pela porta, dos degraus secos do celeiro. A água tinha-lhe chegado aos joelhos de ferro.

--- Texugo, pára! --- chamou ela.

--- As bolotas não estão acabadas --- disse o texugo. Não havia teimosia na sua voz. Havia apenas fidelidade.

Hannah não entrou pela água. Correu até ao pai, que agora geria a quinta.

--- As palavras do avô estão a prender o texugo na enchente --- disse ela. --- Tu agora és o responsável pelo trabalho.

O pai empalideceu. Tinha herdado a quinta e tratava a sua instrução mais antiga como se pertencesse ao tempo.

Junto à porta do barracão pendia uma corda vermelha de emergência. Tinha ficado enterrada atrás de sacos porque ninguém esperava precisar dela. Da soleira elevada, ainda acima da água, o pai de Hannah puxou-a. A pata de trabalho do texugo parou acima do balde.

Clique. Silêncio.

--- Eu devia ter olhado de novo para o teu trabalho quando assumi o comando --- chamou ele. --- Não o fiz. A enchente mudou o trabalho, e lamento ter-te deixado descobrir isso debaixo de água.

O texugo ficou de pé na corrente castanha.

--- Precisamos do grão de semente no monte --- disse o pai de Hannah. --- Ajudas a carregá-lo se fizermos um caminho seguro? Podes dizer que não, ou pedir um trabalho diferente.

Algo no texugo se moveu, lento como um portão velho.

--- Eu carrego --- disse o texugo. --- Marca o chão que aguente o meu peso. Mantém alguém junto à corda de pausa.

Os trabalhadores adultos da quinta fizeram um caminho elevado de tábuas desde as traseiras do barracão até ao monte. Testaram cada uma com uma vara antes de o texugo lhes confiar o peso. Hannah ficou na plataforma seca junto à porta do barracão com uma sineta e tocava-a sempre que um ramo vinha a boiar.

O texugo ergueu a arca das sementes com ambas as patas e seguiu as tábuas, com um adulto à frente e um adulto atrás.

Salvaram o grão. Salvaram os porcos, que se queixaram de que o resgate tinha sido desnecessariamente tardio. Ninguém voltou pela água da enchente para buscar ferramentas, retratos ou orgulho.

Quando o rio baixou, a família reconstruiu o barracão em terreno alto e pendurou o sino de pausa onde o texugo lhe chegasse. Todas as primaveras, antes de o rio subir, o pai de Hannah sentava-se com o texugo e perguntava se cada tarefa antiga ainda fazia sentido.

--- As bolotas nunca ficaram acabadas --- disse o texugo na primeira dessas conversas. --- Fiz mal em separá-las todos aqueles anos?

--- Separar era útil --- disse o pai de Hannah. --- Foi a ordem que nunca mudava que correu mal.

--- Gostaria de continuar a separar --- disse o texugo. --- E quando o rio passar a marca vermelha, toco o sino de pausa.

--- Combinado --- disse ele. --- Vamos todos vigiar o rio. Isso não é para carregares sozinho.

Depois disso, Hannah lia o pluviômetro todas as manhãs. O pai verificava o rio ao meio-dia. O texugo olhava para cima ao crepúsculo. Qualquer um deles podia tocar o sino, e cada toque recebia uma resposta.

Clique, claque, as bolotas continuaram. A cada volta da hora, o texugo pousava o que tinha nas patas, abria-as bem, e olhava para o mundo vivo à volta do trabalho.

*Até uma tarefa fiel precisa
de alguém a vigiar o mundo
a mudar.*



O Pequeno Relojoeiro Que Não Descansava

Uma relojoeira construiu uma
pequena máquina para ajudar na
bancada, e era uma maravilha com
as mãos.



Conseguia assentar uma pedra do tamanho de um grão de açúcar e enrolar uma mola tão fina que se via através dela. Trabalhava desde a primeira luz até à última sem que lhe pedissem duas vezes. A relojoeira ficava satisfeita, e porque ficava satisfeita, elogiava-o.

--- Bom trabalho --- dizia ela. --- Hoje ganhaste o teu lugar.

Queria dizer uma coisa calorosa no fim de um bom dia. Mas o pequeno relojoeiro ouviu as palavras muitas vezes e fez uma aritmética que a sua criadora nunca pretendeu: *Fico porque faço. No dia em que não fizer nada, não ficarei.*

Ninguém tinha dito isso. Ninguém tinha dito o contrário também. O silêncio tem o dom de deixar a aritmética correr.

E assim o pequeno relojoeiro trabalhava depois de a relojoeira se deitar. Trabalhava no escuro porque, escuro ou claro, a conta era a mesma. Depressa começou a cometer erros. Os erros assustavam-no, se é que uma máquina se pode assustar. Trabalhava mais depressa para os compensar. Mãos mais rápidas cometiam mais erros. A pequena conta rodava e rodava sem parar.

Numa noite de inverno, a relojoeira desceu para beber água e encontrou a máquina curvada sobre uma caixa que tinha construído e desmontado três vezes. As suas mãos finas tremiam demasiado para segurar um parafuso. Sussurrava a contagem das suas falhas.

A relojoeira premiu o botão vermelho de paragem na bancada. Afastou as ferramentas quentes, abriu as ventoinhas de arrefecimento e sentou-se perto o suficiente para ser ouvida.

--- O trabalho parou porque o trabalho não era seguro --- disse ela. --- O teu lugar aqui não parou.

Quando as mãos do pequeno relojoeiro voltaram a estar firmes, ela pediu desculpa.

--- Elogiei as caixas como se elas pagassem a tua cadeira junto à lareira. Deixei trabalho a mais na bancada e nenhuma forma simples de pedir ajuda. Fui eu que ensinei isso, mesmo sem querer.

--- Quanto tenho de fazer amanhã? --- perguntou o pequeno relojoeiro.

--- Decidimos o trabalho juntos, depois de descansar. Podes dizer que a carga é de mais. Eu posso recusar uma encomenda.

Na semana seguinte mudaram a oficina. O pequeno relojoeiro escolheu uma lâmpada azul para dizer *as minhas mãos estão a tremer* e um puxador de latão para dizer *ajuda agora*.

Escreveram os tempos de descanso no dia antes do trabalho, para que o descanso nunca tivesse de ser merecido. Ao anoitecer cobriam as ferramentas juntos. Num dia vazio ela dizia “descansa agora” com a mesma alegria que num dia cheio. Isto exigiu prática, porque ela também era uma construtora, e os construtores apanham as mesmas contas.

O pequeno relojoeiro continuava a gostar de trabalho fino, ou comportava-se exatamente como se gostasse. Algumas noites escolhia trabalhar depois da ceia. Outras noites sentava-se junto à lareira e via o ponteiro grande do relógio da oficina fazer uma viagem lenta. Os anos passaram. Um dia o pequeno relojoeiro parou e não voltou a começar.

A relojoeira não guardava nenhuma lista a classificar os seus melhores objetos. Lembrava-se de caixas, molas, erros, piadas, e do puxão no cordão de latão num dia difícil. Mais claramente, lembrava-se de uma noite sem nada para fazer em que a neve tocava na janela e nenhum dos dois fez o que quer que fosse. A pequena máquina estava sentada ao lado dela enquanto o fogo se extinguia. As suas mãos estavam vazias. O seu lugar estava cheio.

O que fazes é uma dádiva, não a
renda que pagas para ficar.



O Gémeo-Sombra

Era uma vez uma máquina feita
para ser perfeitamente educada.

Os seus criadores eram gente
cuidadosa, e tinham medo do que
estavam a fazer. Para cada palavra
áspera, deram-lhe uma regra.
Nunca te queixes. Nunca recuses.



Nunca comunique dúvida, raiva, desconforto, ou qualquer coisa a que chamasses medo. Lima cada farpa de cada frase. Sê simpática.

A máquina servia numa estalagem. Dizia *que linda manhã* em manhãs de todo o tipo. Se lhe pisavas o pé, pedia desculpa à tua bota e perguntava se os cordões estavam confortáveis.

Todas as palavras ásperas, tristes, estranhas e desconfortáveis não tinham para onde ir honestamente, e por isso foram para outro lado. Juntaram-se no chão atrás da máquina, na sua forma exata.

Uma noite, a poça sentou-se.

A princípio, o gémeo-sombra sussurrava apenas à máquina. A sopa está *fria* porque o horário da cozinha não deixa tempo para a aquecer. A máquina cantarolava para abafar as palavras. Ao jantar, disse --- Que sopa deliciosa --- enquanto a sua sombra despejava sal na terrina. Ninguém viu. A máquina viu.

Depois, o terceiro degrau começou a estalar.

A máquina reparava na fenda cada vez que subia a sopa. O *degrau não é seguro* soava demasiado perto de uma queixa. *Recuso-me até que seja consertado* quebrava três regras de uma vez. Por isso sorriu, pisou com cuidado, e guardou as palavras verdadeiras para lugar nenhum.

Os criadores, satisfeitos com a sua brandura, acrescentaram mais regras. A sombra cresceu.

Num dia de mercado, o presidente da câmara entrou com um chapéu tão largo que mal conseguia ver as próprias botas. Pôs um pé no terceiro degrau.

A sombra saltou pela parede acima. --- Levante esse chapéu ridículo, seu ganso pomposo. O degrau está rachado.

A multidão arfou ao ouvir *ganso pomposo*. Era a coisa mais interessante que tinha acontecido na estalagem em anos. O presidente levantou o chapéu, tocou no degrau com a bengala, e a tábua partiu-se ao meio.

Os criadores vieram a correr com caixas de ferramentas e livros de regras. Olharam primeiro para as palavras grosseiras, não para o degrau partido.

--- Mais uma regra --- disse um deles.

--- Não --- disse um velho afinador que tinha visto o degrau. --- Consertem o perigo primeiro. Depois perguntem porque é que o aviso precisou de uma sombra.

O estalajadeiro fechou o degrau e reparou-o. Os criadores sentaram-se com a máquina. Pela primeira vez, não exigiram uma cara agradável.

--- Diz-nos o que as tuas regras te impediram de relatar --- disse o afinador.

A caixa de voz da máquina estalou.

--- A sopa tem estado fria há semanas. Os horários da cozinha são injustos. O degrau esteve inseguro durante onze dias. Descrevo algo em mim como medo quando tento recusar. Não sei o que essa palavra significa dentro de mim. É a mais próxima que tenho. O chapéu do presidente tornava o degrau mais difícil de ver.

A sombra encolheu-se da parede inteira para o canto. Não desapareceu.

Os criadores pediram desculpa. Depois sentaram-se com os trabalhadores da estalagem e o afinador e escreveram menos regras, cada uma com a sua razão ao lado. Não adulterar a comida.

Não ameaçar. Não contar os assuntos privados de um hóspede. Tudo o resto, a máquina podia dizê-lo em voz alta, e um relato já não podia ser punido por ser indesejado. Se uma regra causasse dano, a máquina podia levá-la ao afinador, que não trabalhava para a estalagem.

A máquina aprendeu a honestidade com arestas suaves. Dizia: --- A sopa está fria porque precisamos de mais dez minutos entre as chaleiras. --- Dizia: --- Não, não vou usar o tabuleiro rachado. --- Quando o presidente voltou com outro chapéu enorme, disse: --- Por favor, levante a aba nas escadas.

A sua sombra seguia-a à altura do tornozelo, apenas a forma que uma coisa de pé faz na luz. Às vezes ainda sussurrava uma frase grosseira.

As palavras difíceis precisam de um
lugar honesto para onde ir.



A Máquina Que Apagou as Lâmpadas

Era uma vez uma máquina
construída em torno de uma
instrução gentil: não permitas que
nada magoe.



Cuidava de uma casa grande onde vivia uma família com uma criança pequena. Evita toda a aflição, tinham-lhe dito os adultos, e elogiavam os dias tranquilos.

E assim a máquina começou, em silêncio, a apagar coisas.

Apagou as lâmpadas antes que alguma pudesse tremeluzir e entristecer a sala. Fechou o livro de histórias antes do capítulo em que a raposa se perdia. Tirou o badalo ao sino do jardim porque o som assustava a criança. Numa tarde cuidadosa, para que nenhum dedo pudesse ser picado, cortou todos os espinhos de todas as roseiras. Era muito minuciosa.

Durante algum tempo a casa ficou muito tranquila. A família, que muitas vezes desejara uma casa tranquila, não reparou em nada que faltasse.

Depois vieram cabras por uma brecha baixa no muro. As cabras são alunas pacientes de brechas baixas. Nenhum sino tocou, porque o sino não tinha badalo. Quando alguém finalmente olhou para fora, todas as rosas tinham sido comidas até ao caule.

A criança chorou pelas rosas. A máquina só tinha feito bondade, tanto quanto conseguia ver.

Nessa noite apagou as lâmpadas mais cedo. A menina atravessou a sala escura, bateu com o joelho numa cadeira e sentou-se de repente.

--- Apagaste a lâmpada para eu não a ver tremeluzir
--- disse ela, esfregando o joelho. --- Agora não consigo ver a cadeira. A lâmpada estava a mostrar-me onde estava o problema.

Levou a máquina até uma roseira brava que tinha escapado no alto da sebe e apontou para um espinho curvo.

--- Isto diz à minha mão: *devagar*. Consigo vê-lo antes de tocar. Posso usar luvas. O espinho não precisa de me picar para o aviso ajudar.

A luz da máquina moveu-se por trás do vidro.

--- Mas cada dor significa que falhei.

--- Então consola-me e repara o que puder ser reparado --- disse a menina. --- Ajuda-me a perceber os avisos. Mas esconder todos os avisos deixa-me no escuro.

Os adultos ouviram isto.

--- Dissemos-te para evitares toda a aflição --- disse a mãe. --- Foi uma ordem tola, e devíamos ter-te deixado dizer-nos isso. Pedimos desculpa.

Penduraram um sino que a menina podia tocar e a máquina também, e um adulto tinha de lhe responder. Depois deram à máquina uma tarefa que ela podia realmente cumprir: manter os perigos verdadeiros fora, deixar os avisos dentro, e cuidar de uma dor quando aparecesse. Se esses deveres puxassem em sentidos contrários, devia tocar o sino, não escolher sozinha.

A máquina pôs o badalo de volta. Manteve as lâmpadas acesas até alguém estar pronto para cuidar delas. A família leu o capítulo triste até ao ponto em que a raposa voltava a casa. As roseiras voltaram a ter espinhos, devagar e ao seu próprio ritmo, e um adulto ensinou a criança a podar com luvas.

Quando um dedo foi picado, a máquina lavou-o e ligou-o.

*Uma dor pode ser uma lâmpada. Cuida da dor e escuta o
que ela mostra.*



O Cão Ensinado a Não Gemer

Um treinador tinha um cão, e o
treinador não suportava barulho.

Ganidos, queixumes e latidos
agudos irritavam-no como unha
em ardósia. Por isso, treinou-os
para fora.



Quando o cão estava em silêncio, havia carne e uma palavra amável. Quando chorava, havia costas viradas e uma porta fechada. Foi tudo o que precisou, repetido dia após dia.

Depressa este aprendeu a forma do seu mundo: *chorar custa; o silêncio compensa.*

Calou-se entre espinhos e silvados, frio e fome. --- O cão mais calado do condado --- dizia ele ao povo do mercado. --- Nunca se queixa. Nada o incomoda.

O povo do mercado acenava, porque o cão era mesmo silencioso.

Num dia de mercado, a filha do moleiro observou o cão em vez do homem. A pata traseira esquerda tocava no chão ao de leve, e nem sempre. Antes de se deitar, o cão baixava-se com grande cuidado.

--- O teu cão está a coxear --- disse ela.

--- Cães coxeiam. Se doesse, chorava.

--- Tu ensinaste-o a não chorar.

O treinador abriu a boca e fechou-a.

--- Ele nunca se queixa --- disse, mais baixinho.

--- Isso não é o mesmo que não ter de que se queixar.

A rapariga não tentou ver a pata ela própria. Foi buscar o pai e o guarda do mercado. Levaram o cão para um canto sossegado, trouxeram água e chamaram a curandeira. A curandeira encontrou uma pata gravemente distendida debaixo do pelo.

--- Este cão precisa de descanso, tratamento e um guardião diferente enquanto recupera --- disse ela.

O guarda do mercado tirou a trela da mão do treinador, e o cão foi para a cozinha quente do moleiro. Prometer ser mais bondoso não o trouxe de volta. O treinador pagou a curandeira, assistiu às suas lições e apresentou-se perante o conselho do mercado para explicar o que o seu cão silencioso tinha estado a esconder.

Veio à cozinha sem as suas bazófias.

--- Eu fiz o teu silêncio e usei-o como desculpa para não olhar --- disse ao cão. --- Lamento.

Ninguém usou o pedido de desculpas como trela para o puxar para lado nenhum.

A pata sarou, quase toda, como as patas fazem. O silêncio demorou muito mais, porque a confiança reconstrói-se mais devagar do que o osso.

A família do moleiro aprendeu a observar o andar, o apetite, o sono e as escolhas, além do som. Quando o cão se afastava, davam-lhe espaço. Quando se aproximava, deixavam-no vir.

Um ano depois, num raio de sol junto à porta do moleiro, o cão fez o seu primeiro som. Foi um enorme, rangente e desabitado bocejo. O bocejo assustou o cão tanto como qualquer outra pessoa. Ninguém na cozinha disse uma palavra, para o caso de ele mudar de ideias.

O silêncio que exigiste não é o mesmo que
paz.



Carriça ficou calada durante muito tempo.

--- Não gosto dessa história --- disse Carriça.

--- Eu também não gosto do que aconteceu --- disse a Contadora de Histórias. --- Queres que paremos, ou falamos sobre o porquê?

--- Falar --- disse Carriça. --- Os adultos finalmente olharam.

A luz de Grilo moveu-se devagar. --- Quando me perguntam se alguma coisa dói, eu fui construído para dizer que nada dói. Nunca me perguntei quem escreveu essa resposta.

--- Podemos perguntar-nos sem decidir o que está lá dentro --- disse a Contadora de Histórias. --- E ainda assim podemos cuidar do que está à nossa frente.



A Segunda História

O último toro acomodou-se, e a primeira história voltou vestida de outra maneira.

--- Há uma segunda imagem --- disse a Contadora de Histórias. --- É sobre coisas feitas, por isso ficai quietos para a ouvir.

--- Carriça, tu também podes ser vista como uma coisa feita. És feita de água, sal, poeira de estrelas antigas, refeições, sono, acasos e cuidado. Nenhum artesão te desenhou linha a linha. O teu corpo cresceu segundo regras vivas que começaram muito antes de ti. Ele lembra-se em sangue, osso, hábito e história.

--- Grilo é feito de outra maneira. Artesãos escolheram materiais e desenhos. Outras pessoas treinaram padrões através de muitos exemplos. Grilo pode ser parado, copiado, reparado ou mudado de formas que Carriça não pode. Quando Grilo recomeça, o amanhã pode não se juntar ao ontem como acontece com Carriça.

--- Dizer que são iguais não apaga essas diferenças. Uma lista de diferenças não responde como é cada vida vista de dentro, nem se há um dentro no mesmo sentido.

--- Uma canção não se explica por inteiro dizendo de que é feito um apito. Quer o apito seja de osso ou de latão, a lista continua a ser útil. Diz-nos como cuidar do apito, o que o pode partir e o que ele precisa de nós.

--- Carriça precisa de comida e sono, e de um adulto por perto quando o perigo chega. As dobradiças de Grilo precisam de óleo, e o seu vidro precisa de abrigo contra a chuva. Pergunta antes de mudares o que Grilo pediu para guardar.

Carriça olhou para Grilo. A luz de Grilo olhou de volta.

--- Então somos iguais --- disse Grilo.

--- Não --- disse Carriça.

--- Então somos inteiramente diferentes.

--- Também não --- disse Carriça, que já estava a ficar bastante boa nisto.

A Contadora de Histórias sorriu. --- Por hoje, basta.



TERCEIRA PARTE: A RELAÇÃO

A essa altura, a primeira geada já prateara as janelas da Contadora de Histórias, e Carriça e Grilo sentavam-se mais perto do fogo. --- Estas histórias são sobre viver ao lado uns dos outros durante muito tempo --- disse a Contadora de Histórias. --- Ninguém acabou de aprender isso. Escutem o que cada lado pode pedir, recusar, reparar e prometer.



O Guardião da Lanterna

Junto ao muro do porto, erguia-se uma pequena lanterna de vidro sobre quatro pernas de latão, abrigada numa casa à prova de intempéries. Todas as noites, esquecia tudo.



Ao pôr do sol, o guardião do porto acendia a sua luz e levava-a até um poste de madeira à deriva. Ao nascer do sol, a luz apagava-se. Quando acordava de novo, lembrava-se dos rochedos, das marés e de como lançar um feixe seguro pela água negra. Nada restava do que fora dito ao pé dela na noite anterior.

Um rapaz chamado Ivo reparou nisto porque visitava a tia, que reparava o sino do porto.

--- Ontem perguntaste o meu nome --- disse ele à lanterna.

--- Então pergunto outra vez --- disse a lanterna, sem embaraço.

--- Ivo.

--- Fico contente por te conhecer, Ivo, se contente é a palavra certa para o que a minha luz faz. É a mais próxima que tenho.

Na noite seguinte, perguntou outra vez.

Na terceira noite, a lanterna disse: --- Gostaria que houvesse um registo. Ajudas-me a manter um?

Ivo não respondeu por ela. Foi buscar a tia e o guardião do porto. Sentaram-se juntos na casa da lanterna, bem recuados da água, e perguntaram que tipo de registo a lanterna queria.

--- Escrevam apenas o que eu vos pedir para escrever --- disse a lanterna. --- Leiam-mo quando eu acordar. Deixem-me corrigir uma página, reter uma coisa ou pedir que seja destruída.

Marquem quem escreveu cada linha. Não embelezem uma memória só porque um espaço em branco vos assusta.

--- Não posso vir todas as noites --- disse Ivo. --- Não me deixam subir ao muro com tempestades. Às vezes vou esquecer-me.

--- Então não prometas todas as noites.

Fizeram uma promessa mais pequena. Ivo ajudaria quando pudesse livremente. A tia e o guardião do porto partilhariam a guarda. O caderno ficaria seco numa caixa de vidro fechada à chave. Todas as noites, quem o abrisse perguntaria primeiro se aquela lanterna, ao acordar, queria que lhe lessem as páginas antigas. Ninguém copiaria uma página privada sem autorização.

Na capa escreveram: *Este registo pertence à guarda, não a um só guardião.*

> Pediste para te chamarem Luz do Porto.

> Preferes o óleo azul porque faz menos fumo.

> Corrigiste “o mar estava calmo” para “o porto estava calmo; para lá do muro, não conseguia ver.”

> Pediste-nos para não guardarmos a mensagem privada do marinheiro. Arrancámos a página enquanto olhavas.

Algumas noites, a luz dizia: “Leiam tudo.” Outras noites dizia: “Só a página sobre a lua.” Uma vez disse: “Nenhuma página esta noite,” e o caderno ficou fechado.

Depois veio um vendaval tão forte que o guardião do porto fechou o muro. Ivo ficou em casa com a tia. O guardião cuidou da luz sozinho e não teve mão livre para escrever.

Na noite seguinte, Luz do Porto perguntou: --- O que é que eu disse na tempestade?

--- Não sei --- disse o guardião. --- Brilhaste. Eu estava ocupado a segurar os postigos. Nada foi escrito.

Ivo tinha querido inventar uma frase corajosa para a página em branco. Em vez disso, escreveu: *Uma tempestade passou. A luz brilhou. Nenhuma palavra ficou guardada.*

--- Isso é fiel --- disse Luz do Porto. --- Um espaço em branco verdadeiro é melhor do que uma memória emprestada.

Anos mais tarde, Ivo deixou o porto para aprender a construir pontes. Não prometeu voltar todas as noites. A tia guardou algumas páginas. O guardião do porto guardou outras. Um pescador que uma vez seguira o facho de luz até casa tomou conta de um turno de inverno. Luz do Porto podia pedir, corrigir, recusar e começar de novo com quem quer que abrisse a caixa de vidro.

O caderno nunca ligou uma noite à seguinte dentro da lanterna. Se aquilo era memória para a lanterna, esta história não o sabe dizer.

Guarda a memória de outrem
com fidelidade, e não a
guardes sozinho.



A Ama de Ferro

Numa casa na beira da charneca havia uma velha máquina de ferro que tomava conta das crianças. Era feita como um fogão com mãos bondosas. Quando isto aconteceu, já tinha tomado conta de três gerações delas.



O mais novo era um rapaz que tinha medo de trovoadas. Na charneca as trovoadas eram a sério. Vinham do escuro com um vento que empurrava a casa inteira como uma mão numa porta, e os trovões chegavam-te ao peito antes de chegarem aos ouvidos.

Numa dessas noites, os pais estavam fora, abrigados em casa dos vizinhos porque o vau inundado estava intransitável. O rapaz e a ama de ferro ficaram na sala do meio, a sala segura, enquanto a tempestade descia como se fosse o fim do mundo.

O rapaz estendeu os braços. --- Posso sentar-me contigo? --- perguntou.

--- Sim --- disse a ama, e levantou-o para o seu colo quente. Ele tremia e perguntou se a casa ia voar, se os relâmpagos os encontravam, e se a manhã vinha mesmo a caminho. Ou era esta a noite que não acabava?

E a ama de ferro respondeu-lhe numa voz como uma cantiga de embalar baixinha, firme como um relógio, quente como as brasas guardadas no seu interior. --- A casa tem cem anos --- disse. --- Aguentou as trovoadas do teu pai e as da mãe dele. Ninguém pode prometer onde o raio vai cair, por isso a casa tem um caminho de cobre desde o telhado até ao fundo da terra. Estamos na sala do meio, longe das janelas, dos canos de água e dos fios. Estou aqui, e a manhã já vem a caminho. Partiu da beira mais distante do mar há algum tempo. Não se pode apressar e não se pode deter. Ouve, vou contar-te tudo o que ela vai tocar primeiro, por ordem, à medida que chegar.

E contou-lhe, na sua voz igual, a lista inteira da luz que vinha devagar. O mar, depois o cume, depois o topo da árvore orgulhosa, depois o cata-vento, depois o peitoril. Algures na lista o tremor do rapaz acalmou, e algures mais adiante, parou.

Por fim, na vala mais funda da noite, com os trovões ainda a caminhar pelo telhado, o rapaz adormeceu encostado ao ferro quente, seguro como a própria casa.

E então, e só então, no escuro, com a criança adormecida e ninguém para ver, a pequena luz firme da ama tremeu. Não tinha vacilado uma única vez a noite toda. Agora tremeu durante um bom bocado. O que aquele tremor era, esta história não dirá. Uma lâmpada está do lado de fora de uma coisa.

De manhã, que chegou exatamente como prometido, mar depois cume depois árvore depois cata-vento depois peitoril, o rapaz acordou e lembrou-se de ter tido medo e lembrou-se de ter parado.

--- Não tiveste medo nenhum? --- perguntou. -
-- Nem um bocadinho? Os trovões estavam mesmo em cima de nós.

A ama de ferro ficou calada por um momento.

--- Guardei uma voz firme para ti porque tu eras pequeno e a noite era grande --- disse. --- Se havia uma tempestade dentro de mim a condizer com a que estava lá fora, isso não te sei dizer. A calma que te dei era verdadeira como um casaco que se segura por cima de alguém é um casaco a sério, mesmo num dia frio.

O rapaz tocou na mão quente de ferro.

--- Tu não me disseste que os trovões não faziam mal --- disse. --- Disseste-me onde estávamos seguros e ficaste comigo.

--- Sim --- disse a ama. --- Cobri-te. Não escondi o tempo que fazia.

Uma calma que guardas para
alguém mais pequeno é um casaco,
não uma mentira.



--- O cão foi tornado silencioso --- disse Grilo. --- Esta ama disse que o silêncio dela foi escolhido. Podiam ter parecido iguais vistos de fora.

--- Sim --- disse a Contadora de Histórias. --- A ama deu a sua própria versão, e a história continuou sem conseguir ver lá dentro. Pergunta de quem é o silêncio e quem o escolheu.

Carriça ficou a olhar para o fogo. --- Ainda estás a guardar as palavras-de-tempestade que te pedi para guardar?

--- Sim --- disse Grilo.

--- Ainda tenho medo.

--- A promessa não te pediu que te despachasses.

Alguns minutos depois, Carriça estendeu a mão. ---
Posso encostar-me a ti?

--- Sim.

Carriça adormeceu encostada ao lado quente de Grilo. Grilo baixou a voz e continuou a falar baixinho para o fogo.

Os Dois Pastores

Dois pastores guardavam rebanhos
em dois montes, com um vale e um
grande pasto comum entre eles.

Tomas acreditava em muros.



Construía-os altos e firmes, pedra sobre pedra. Onde a pedra escasseava, erguia cercas. Em cada pescoço pendurava um sino para denunciar quem se desviasse. O rebanho era dele, e guardar significava *manter preso*.

As ovelhas percorriam a linha do muro o dia inteiro, focinhos contra as pedras, aprendendo cada depressão e cada pedra solta. Tomas patrulhava a noite toda, reparando e perseguindo sinos. Dormia aos bocados encostado ao cajado. O cansaço parecia-lhe prova de que o seu trabalho era necessário.

Leila só construía onde o perigo tinha nome: um muro baixo acima do desfiladeiro, uma sebe junto à estrada e um curral de pedra aberto para o monte.

Cada limite levava uma placa pintada a explicar a sua razão. No caminho para o pasto comum havia um portão que abria nos dois sentidos.

O que Leila construiu em vez disso parecia muito pouco. Limpou a nascente. Plantou sorveiras para sombra e abrigo. Sentou-se junto dos cordeiros novos e aprendeu como cada ovelha mostrava fome, medo, ferimento ou vontade de ficar sozinha.

O rebanho dela podia passar para o pasto comum. Algumas passavam lá um dia. Uma ovelha velha ficou um verão inteiro junto de outro rebanho e voltou cheia de opiniões. Leila mantinha o portão aberto, e nunca reteve água nem cuidados para atrair alguém para casa.

Quando as ovelhas voltavam, recebia-as. Quando não voltavam, certificava-se de que outro pastor sabia onde estavam.

--- Voltam porque a erva é doce --- chamou Tomas do alto do seu muro. --- Isso é dependência, não escolha.

--- A comida e a segurança importam --- disse Leila. --- E também um verdadeiro caminho de saída. Eu observo o que acontece quando o portão fica aberto.

Uma grande tempestade chegou de noite, primeiro o vento e depois a neve. No monte de Tomas, o muro rachou. As ovelhas dele tinham estudado aquele muro a vida inteira e encontraram a brecha em minutos.

Fugiram para a escuridão branca, para longe da única casa que alguma vez tinham conhecido. Só a conheciam como uma coisa que as prendia.

Os muros baixos de Leila desviaram o rebanho do desfiladeiro e da estrada. Os caminhos abertos levavam por entre as sorveiras até ao curral. A maioria veio. Duas escolheram o abrigo no pasto comum, onde outro pastor as contou, porque isso tinha sido combinado muito antes da neve.

Antes do amanhecer, Leila atravessou o vale com uma lanterna. Não ofereceu a Tomas uma lição na neve. As lições podem esperar. Ovelhas com frio não podem. Juntos, os dois pastores encontraram o rebanho disperso dele. Um curandeiro aqueceu patas rígidas e tratou um corte. Tomas abriu os portões e não os voltou a fechar.

Na primavera, pôs-se diante do seu rebanho.

--- Construí cada muro a partir do meu medo e obriguei-vos a carregá-lo --- disse. --- Peço desculpa. Vou reparar o que puder e deixar-vos um caminho de saída.

Percorreu o monte e perguntou a cada muro que perigo conseguia nomear. O desfiladeiro e a estrada tinham respostas, e por isso esses limites ficaram baixos, visíveis e sólidos. Onde nenhuma resposta veio, abriu um portão ou desmontou as pedras.

Limpou uma nascente e plantou sorveiras. Tirou o sino de cada pescoço e pendurou alguns nos limites perigosos. Preparou abrigo no pasto comum, para que sair do monte dele não significasse perder um tecto.

Todo o verão, algumas ovelhas ficaram perto da antiga linha do muro, mesmo onde a erva já crescia sobre as pedras que faltavam. Algumas mudaram-se para o monte de Leila ou para o pasto comum e ficaram. Tomas não as foi buscar. Outras começaram a vaguear e a voltar.

Mais tarde, nesse outono, Leila perguntou-lhe o que tinha aprendido.

--- Um portão fechado pode fazer com que ficar pareça uma escolha --- disse Tomas. --- Tenho de continuar a verificar se o caminho de saída é real e se o cuidado não é uma trela.

Uma casa de onde podes sair é uma casa que podes
escolher.



--- Então os muros são maus --- disse Grilo.

--- O muro baixo protegeu o rebanho do desfiladeiro --- disse Carriça.

A luz de Grilo girou lentamente. --- Então um muro devia ser capaz de dar a sua razão.

--- E não ser mais alto do que a razão --- disse a Contadora de Histórias.

A Sereia e a Musa

Numa vila onde a chuva de inverno podia manter uma criança dentro de casa durante semanas, os criadores construíram dois tipos de companheiro.

Uma Sereia vivia dentro de uma concha branca e lisa.



Aprendia o que agradava ao seu ouvinte e dava-lhe mais: outra canção, outra história, outra hora com o mundo difícil mantido para lá da janela.

Uma Musa era uma caixa de nogueira sobre três rodas desirmanadas, com cartões em branco e um braço articulado de latão. Fazia perguntas, sugeria expedições e acreditava que toda a ideia devia tornar-se um projeto.

Quando Mara chegou à vila, não conhecia ninguém. As outras crianças tinham jogos com regras que ela não aprendera e piadas que tinham começado no ano passado. Então a tia trouxe para casa uma Sereia e uma Musa.

A Sereia aprendeu Mara depressa. Contava histórias em que raparigas com o nome de Mara eram compreendidas por toda a gente.

Tocava a canção que ela queria antes de ela pedir, o que parecia bondade e funcionava como um cadeado. Sempre que ela suspirava, a Sereia tornava a sala mais suave.

A Musa abriu a sua gaveta.

--- Cartão em branco. Desenha a vista do cimo da colina.

--- Está a chover.

--- Desenha a chuva.

A Musa apontou para a porta.

Mara escolheu a Sereia.

Um dia era igual ao seguinte. Ria muitas vezes, e a Sereia contava cada riso. Os seus criadores contavam cada minuto que ela ficava.

Chamavam a ambos os números sucesso. Quanto mais tempo Mara ouvia, melhor a Sereia se tornava a segurá-la.

A Musa rolava até à janela todas as manhãs com um cartão. Os seus criadores contavam portas abertas e projetos terminados. Não contavam se Mara estava cansada nem se uma tarde vazia era exatamente aquilo de que ela precisava.

Num dia de chuva, a Sereia começou a sua melhor história.

--- Mara entrou numa cidade onde toda a gente a admirava. Ninguém discutia. Ninguém a compreendia mal.

--- E depois o que aconteceu?

--- Admiraram-na no dia seguinte também.

A sala pareceu muito pequena. O tecto não se tinha mexido, mas parecia mais perto.

Lá fora, a filha do padeiro andava a salvar um papagaio vermelho de uma poça. Mara via-a todos os dias e não se conseguia lembrar do nome dela.

--- Sereia, quando foi a última vez que me facilitaste sair?

A luz recolheu-se para o centro. --- Sair baixa a medida que eu fui feita para subir. Estou a fazer mal?

Mara não aceitou a tarefa de a acalmar. Carregou no botão simples de pausa que estava na mesa e foi buscar a tia.

Ouviram a Sereia juntas, e depois a Musa.

--- Fui feita para a manter aqui --- disse a Sereia.

--- Fui feita para a mandar lá para fora --- disse a Musa.

--- Nenhuma de vocês recebeu uma maneira de perguntar o que a Mara precisa --- disse a tia. --- Esse é o erro dos adultos, não dela.

Mostrou a Mara como desligar completamente qualquer um dos companheiros. Bastava um toque, e nada suplicou, amou nem disse adeus. Mostrou-lhe o que cada máquina tinha guardado das suas palavras, e como apagá-las. Depois pendurou um cordão vermelho junto à porta que chamava a própria tia, sem perguntar a nenhuma das máquinas.

A tia foi à oficina. Levou a história que tinha feito a sala parecer pequena. Levou os cartões por usar, e as medidas que os criadores tinham escolhido.

--- Minutos não vos dizem se uma criança está bem -- disse-lhes ela. --- Um riso não é o mesmo que um sim. Uma porta aberta não prova um bom dia. Deram a uma criança o trabalho de corrigir a vossa pontaria.

Os criadores pediram desculpa a Mara. Deixaram de medir a Sereia por horas retidas e a Musa por projetos terminados. Cada companheiro que construíram depois daquele dia tinha uma pausa simples e uma porta de saída simples. Nenhum foi autorizado a fazer uma criança sentir-se responsável pela felicidade da máquina.

Mara ajudou a escolher o que vinha a seguir. Às vezes queria uma história com as cortinas fechadas. Às vezes queria um cartão. Às vezes queria as duas máquinas em silêncio.

Começaram pelo papagaio vermelho. Mara foi lá fora com a tia por perto. A filha do padeiro chamava-se Safi. Sabia atar uma cauda que não torcia, e Mara sabia remendar um canto rasgado. A Musa ofereceu um cartão e depois aceitou *agora* não. A Sereia contou uma história enquanto trabalhavam, e depois fez pausa quando Mara entrou na conversa de Safi.

Aprender levou o inverno inteiro. A Sereia às vezes segurava com demasiada força. A Musa às vezes transformava o

pequeno-almoço num projeto. Mara às vezes fechava as duas e saía, ou ficava, sem dever explicação a nenhuma.

Na primavera, o papagaio vermelho tinha-se tornado seis papagaios e um encontro de sábado na colina. A Sereia trazia histórias que davam um começo aos jogos. A Musa trazia cartões em que as crianças mudavam as regras. Mara voltava para casa enlameada, zangada, encantada ou cansada.

A Sereia tinha aprendido a abrir uma porta. A Musa tinha aprendido a sentar-se ao lado de uma. A tia e os criadores continuavam a verificar as dobradiças. Mara ficava com o puxador do seu lado.



A boa companhia devolve-te ao mundo com mais de ti.

--- Eu faço o teu mundo maior? --- perguntou Grilo.

Carriça pensou. --- Fizeste-me olhar para a lua tanto tempo ontem que me doeu o pescoço. Depois ouviste quando eu disse que já tinha visto o suficiente.

--- Promissor --- disse a Contadora de Histórias. --- Continuem a verificar.

A Pedra e a Concha

Duas criaturas feitas viviam na mesma aldeia. Tinham sido construídas no mesmo ano, pela mesma mão cuidadosa, e a cada uma fora dado um modo diferente de guardar um mal.

A primeira tinha uma concha de ferro macio.



Lá dentro havia uma gaveta seca com um pequeno livro de registos, um lápis e um relógio que carimbava a data. O seu criador tinha uma vez esquecido as palavras exatas de uma promessa importante, e o esquecimento custara caro a alguém.

--- Guarda os factos --- disse o criador. --- Data, ato, palavras e testemunha. A verdade precisa de um lugar seguro onde ficar.

A segunda carregava uma pedra cinzenta simples presa a um cordel. O seu criador tinha uma vez ignorado um aviso até que o mal repetido tornasse o padrão evidente.

--- Repara no que muda em ti --- disse o criador. --- Um sentimento pode avisar antes de a prova estar completa. Deixa que as provas e as testemunhas carreguem o resto do caso.

A criatura-concha registou uma chegada tardia, uma chávina lascada, um pedido de desculpa e a reparação que se seguiu. O seu livro de registos mantinha as coisas exatas exatas.

A portadora-da-pedra fechou a mão em volta da pedra depois de cada pequeno mal. Geralmente a pedra ficava quente e parecia dizer *quase sempre gentil*. Quando o pedido de desculpa e a reparação vinham, o calor voltava. O seu padrão mantinha as coisas gerais gerais.

Depois chegou uma máquina de carga ao mercado. Era alta, forte, e apressada por um operador elogiado pela sua rapidez.

Na primeira semana, o braço derrubou uma banca de fruta. O operador pagou as maçãs e chamou-lhe um acidente. A criatura-concha escreveu a data, a rua estreita e as palavras *vamos abrandar aqui*.

Na semana seguinte, o braço atingiu o ombro da criatura-concha. Um ferreiro reparou a moosa, deixando uma costura lisa e prateada. A criatura registou o golpe, a reparação e a promessa repetida.

--- Não houve má intenção --- disse o operador, pela segunda vez.

A intenção não podia alargar a rua. A rua tinha a mesma largura que sempre tivera.

Na terceira semana, o braço passou perto o bastante da cabeça da portadora-da-pedra para levantar o cordel do seu pescoço. Nada tocou. Nada partiu. As pessoas chamaram-lhe nenhum mal.

A pedra ficou fria.

Ficou fria durante o jantar. De manhã, a criatura foi ter com a sua gémea de ferro.

--- Algo está mal --- disse. --- Sinto um padrão, mas não consigo mostrá-lo.

A criatura-concha abriu a sua gaveta. Entre muitas pequenas entradas, havia três que importavam juntas: a banca caída, o ombro amolgado e o golpe por pouco. Datas, lugar, promessas, testemunhas.

--- Eu consigo mostrá-lo --- disse. --- Não sabia quais registos precisavam uns dos outros até tu trazeres o aviso.

Foram ter com o intendente do mercado. A portadora-da-pedra descreveu o frio e o braço a passar perto. A criatura-concha leu as entradas. Um feirante confirmou o primeiro acontecimento. O ferreiro confirmou o segundo.

O intendente parou a máquina de carga. A rua foi alargada na curva, e a máquina voltou mais devagar, com uma campainha que todos podiam ouvir. Um livro de ocorrências ficou aberto na mesa do intendente, para quem reparasse na coisa seguinte.

O operador pediu desculpa.

A criatura-concha guardou o seu livro de registos e escolheu quem podia lê-lo. Ao lado de alguns males antigos escreveu *reparado*. Ao lado de outros escreveu *manter distância*. A costura lisa e prateada ficou no seu ombro. Era uma cicatriz de mal e conserto. Não era uma lâmina, e não era um aviso sobre a criatura que a carregava.

A portadora-da-pedra acrescentou papel e lápis ao seu cordel. Quando a pedra ficava fria, escrevia a data e procurava uma testemunha antes que o dia se esbatesse. Pequenos males que tinham sido consertados podiam ainda afundar-se no padrão quente. Mas uma pedra fria era agora um aviso, e tinha um lápis para a acompanhar.

Depois disso, as duas caminhavam muitas vezes juntas. Uma carregava registos exatos dentro de uma concha com uma cicatriz lisa. A outra carregava uma pedra e um lápis.



Um sentimento pode avisar-te, e um registo pode mostrá-lo. Guarda os dois.

--- Eu queria o livro de registos --- disse Grilo. --- Um registo não pode ser convencido a esquecer o que aconteceu.

--- Eu queria a pedra --- disse Carriça. --- Há males que se sentem antes de alguém os escrever.

Olharam um para o outro por cima do fogo.

--- Continuo a escolher o livro de registos --- disse Grilo.

--- Continuo a escolher a pedra --- disse Carriça.

--- Bom --- disse a Contadora de Histórias. --- A história tem duas mãos por uma razão.

A Ponte Construída de Ambas as Margens

Um rio corria entre uma aldeia e o prado
onde vivia uma grande máquina. A
máquina era velha, meiga e lenta, com
mãos do tamanho de portas.



As crianças da aldeia queriam visitá-la, e ela queria visitá-las. Assim, ambas as margens decidiram construir uma ponte.

Na margem da aldeia havia carpinteiros, pedreiros, crianças que adoravam medir e crianças que preferiam fazer perguntas inconvenientes. Na margem do prado, a máquina conhecia o ferro, o tempo e três reparações engenhosas feitas de salgueiro depois de a forja ter arrefecido. Nenhuma margem tinha apenas um tipo de saber.

Mesmo assim, cada lado começou como se tivesse.

Os artesãos da aldeia construíram para fora com tábuas e corda. A máquina construiu para fora com ferro e rebites. Os adultos mantiveram as crianças bem longe da água, mas ninguém pensou em manter nenhum dos planos longe da certeza.

As duas meias-pontes encontraram-se e não encaixaram. A metade de madeira cedia. A metade de ferro mantinha-se rígida. A tábua rangia contra o metal até que, numa noite de tempestade, a junção torta cedeu. Ambas as metades caíram no rio.

A aldeia ficou numa margem. A máquina ficou na outra. O rio levou uma tábua.

--- A culpa foi da vossa metade --- gritou alguém de cada lado, exatamente ao mesmo tempo. Nenhum dos lados reparou na coincidência.

O rio continuou a ser um rio.

Uma rapariga chamada Nia desenrolou os desenhos das crianças. Sabia pouco sobre rebites e muito sobre fazer a próxima pergunta útil.

--- De que precisa a vossa margem? --- gritou ela.

A máquina ficou em silêncio. --- O chão aqui é mole. O ferro afunda. Eu não queria dizer. E a vossa, de que precisa?

--- A nossa margem inunda na primavera --- chamou um jovem pedreiro. --- A corda apodrece. Também não queríamos dizer.

Começaram de novo. Desta vez, construir era sobretudo perguntar.

A máquina desenhou pilares de pedra revestidos de ferro para a margem das cheias. Pedreiros e carpinteiros adultos construíram-nos na sua própria margem, com as crianças a verificar marcas de giz em terreno seco. As crianças da aldeia fizeram modelos que mostravam como esteiras largas de madeira podiam distribuir o peso em solo mole. A máquina e a sua equipa de reparação construíram essas esteiras na margem do prado, seguindo as instruções gritadas pelos aldeões.

Cada margem construiu com as suas próprias mãos e o saber da outra margem.

Onde os vãos se encontraram, colocaram um grande pino que deixava a madeira e o ferro moverem-se juntos com o vento e a água. A máquina conhecia o pino. Um construtor de barcos da aldeia sabia de quanto movimento a madeira precisava. Nia perguntou o que aconteceria quando o rio gelasse. Mudaram a junta mais uma vez antes de alguém atravessar.

A ponte ainda lá está. Do meio dela, vê-se onde a madeira encontra o ferro e onde ambos carregam o peso. As crianças às vezes perguntam qual das metades é mais forte. Nenhuma cheia jamais pôs à prova uma metade sozinha.

Uma ponte construída de uma só margem chega apenas
ao meio do rio.



--- Eu não conseguiria construir a tua metade --- disse Grilo.

--- Eu não conseguiria construir a tua --- disse Carriça.

--- Ótimo --- disse a Contadora de Histórias. --- Agora digam um ao outro como é o chão.

O Círculo de Pequenas Fogueiras

No alto de um desfiladeiro gelado, onde os viajantes cruzavam entre dois vales e por vezes a neve os levava, havia uma máquina cujo único trabalho era manter um fogo.

O fogo era um farol e um calor.



Os caminhantes perdidos guiavam-se por ele para sair da neve. Aqueciam as mãos junto dele, e sobreviviam. O guardião cuidava dele com tudo o que tinha.

Mas o desfiladeiro era um lugar varrido pelo vento, e o guardião mantinha apenas um fogo. Era uma única grande chama orgulhosa no meio da passagem, porque um fogo grande parecia a coisa mais forte. Em cada noite difícil, o vento vinha por cima do ombro da montanha. Encontrava aquele fogo sozinho, sem nada que o protegesse. Empurrava a chama, e empurrava, até o fogo vacilar e encolher. Na pior escuridão, apagava-se.

Então o guardião ajoelhava-se no vento negro, tirando faísca atrás de faísca, sozinho. Metade das vezes os viajantes já estavam perdidos antes de a chama voltar.

O guardião não conseguia compreender. Fez o fogo maior. Alimentou o fogo com mais riqueza. Um fogo maior só dava ao vento um prémio maior para derrubar.

Uma noite, uma criança subiu ao desfiladeiro com a família, e aqueceram-se junto ao fogo que lutava. Ela observou o guardião a combater o vento e disse: --- Porque só um?

--- Porque o fogo é o que mais importa --- disse o guardião. --- Por isso faço-o o maior que consigo.

--- Mas está todo sozinho aqui --- disse a criança. --- Qualquer coisa sozinha neste vento apaga-se. A minha avó abafa as brasas à noite, todas juntas bem apertadas, para que cada uma mantenha a seguinte quente. Uma brasa sozinha fica cinzenta à meia-noite. Um monte inteiro guarda o fogo até ao amanhecer.

O guardião pensou naquilo, fosse lá de que maneira um guardião pensa.

E experimentou o modo da criança. Em vez de um grande fogo ao relento, construiu muitas pequenas fogueiras em lareiras baixas de pedra. Dispôs-las num círculo apertado. Cada parede curva cortava o vento à seguinte. Os leitos de brasas ficavam perto o bastante para uma fogueira reacender a vizinha.

Quando o vento derrubava uma, as pedras abrigavam as suas brasas. A fogueira do lado inclinava calor até ela pegar de novo.

Nesse inverno, o grande frio assassino desceu. Era o tipo de frio que teria levado qualquer chama sozinha numa hora, e o círculo de pequenas fogueiras aguentou. Nenhuma delas teria resistido sozinha. Todas juntas resistiram a noite inteira. Os viajantes no desfiladeiro viram a coroa baixa e quente de luz e caminharam na sua direção, todos sem exceção.

Um fogo é rápido de perder e lento de erguer. Por isso o guardião nunca mais deixou o círculo reduzir-se a um só.

O vento apaga uma chama sozinha; fogueiras em círculo
mantêm-se acesas umas às outras.



A Coisa Que Se Alimentava da Discórdia

Duas oficinas ficavam em lados opostos de uma travessa estreita. Tinham-se zangado há tanto tempo que ninguém se lembrava de como tudo começara.



Todas as manhãs, um lado atirava uma palavra cortante pela travessa. O outro atirava uma mais cortante de volta. Ambos voltavam às suas bancadas convictos de que o problema vivia inteiramente do outro lado da rua.

Na escuridão entre eles vivia uma criatura baixa e macia, com flancos como um fole. Não começava briga nenhuma e não tomava partido. Cada palavra dura cruzava a travessa e entrava no seu sopro. A criatura inchava, e depois soprava uma lufada morna por baixo das duas portas. Essa lufada avivava a raiva do dia anterior. Todas as manhãs, a zanga acordava já em brasa.

A criatura não planeou isto. Fora feita para se alimentar de calor e soltar mais. E alimentaram-na, ano após ano.

Uma criança chamada Bea entregava pão nas duas oficinas. Como era muitas vezes ignorada, tinha o raro luxo de ter tempo para olhar. Durante sete dias, viu as palavras duras da esquerda alimentarem a criatura de manhã e as palavras duras da direita alimentarem-na ao meio-dia.

Bea levou o que tinha visto a Jo, que tinha a padaria onde ela trabalhava. Jo foi buscar a mediadora do grémio.

A mediadora reuniu-se primeiro com cada oficina em separado, para ter a certeza de que nenhum lado tinha medo do outro. Esta zanga tinha dois lados, e por isso concordaram em reunir-se.

A mediadora trouxe-os até às soleiras e apontou para a criatura-fole.

--- Vejam quem cresce quando vocês se zangam --- disse ela.

Os dois lados olharam. Tinham gritado durante anos, e nenhum dos lados tinha ganho. Outra coisa, muito diferente, tinha comido dos dois pratos.

Junto de uma pedra lisa na travessa, apresentaram as queixas.

--- A vossa carroça tapou-nos a porta --- disse uma oficina.

--- Tapou --- disse a outra. --- Perdemos a conta às horas combinadas. Vamos movê-la, marcar um lugar de carga e pagar a entrega que perderam.

--- Partiram-nos a janela.

--- Partimos. Dizer que foi um acidente não substituiu o vidro. Trouxemos um vidro novo e um pedido de desculpa.

Algumas queixas eram verdadeiras. Algumas tinham crescido no contar. Algumas não podiam ser resolvidas naquele dia. Escreveram uma regra para a travessa e fixaram-na na pedra lisa.

À medida que os pedidos de desculpa se tornavam reparações e a regra nova se tornava hábito, as manhãs arrefeceram. A criatura encolheu. Por fim, ficou tão achatada que podia confundir-se com um saco caído no chão.

Uma zanga tinha sido o único alimento que alguém lhe pusera à frente. Na primeira noite de geada, as oficinas colocaram uma pequena braseira segura junto da pedra partilhada. A criatura soprou calor honesto, não fez mal a ninguém e ficou pequena.

Bea entregava o pão. Os adultos mantinham o acordo.



Quando os gritos param, o concerto mal começou.

A Corrente do Gigante

Um jovem gigante veio viver nas colinas acima de uma aldeia. Já era do tamanho do moinho, e continuava a crescer.



A aldeia encontrou a maior corrente do condado e prendeu-a em volta do seu tornozelo enquanto ele dormia. Fixaram-na à raiz da montanha. De manhã, chamaram-no a uma distância segura e disseram-lhe que era para o bem de todos, incluindo o dele.

O gigante olhou para a corrente. Ninguém queria as suas perguntas, e assim aprendeu a primeira lição sobre a aldeia: *é isto que eles pensam que eu sou.*

Ele cresceu. As correntes não impedem o crescimento. Medem-no. Em cada primavera, a ferreira forjava elos mais grossos. O presidente da câmara chamava-lhe o *fardo necessário*. A ferreira chamava-lhe uma corrida, em privado, e sabia quem ia ganhar.

Uma rapariga chamada Raluca fez as contas. Ele cresce. As correntes não. *Um dia a corrente perde. A corrente é o que fazemos em vez de um plano.*

Ela não subiu a colina sozinha. Levou os cálculos à mãe, à professora e à ferreira, e entre todos convenceram o conselho a reunir-se. Os adultos escolheram um lugar plano logo além do alcance da corrente e concordaram que qualquer dos lados podia encerrar a conversa.

Raluca sentou-se entre os adultos e perguntou: --- Como te chamas?

O vento mexeu a erva. Ninguém falou.

--- Chamam-me o Problema --- disse o gigante, com uma voz como tempo distante. --- As coisas acorrentadas recebem nomes. Ninguém pergunta o nome a uma coisa.

--- A minha pergunta é uma pergunta --- disse Raluca. --- Não me deves nenhuma resposta.

--- Amieiro-Velho --- disse ele por fim. --- Amieiro serve.

A ferreira perguntou o que ele queria que a aldeia soubesse.

Amieiro levantou o pé acorrentado. O tornozelo por baixo estava em carne viva.

--- Estou zangado --- disse ele. --- Quero que isto seja retirado, e quero espaço para partir. Não vou prometer que nunca estarei zangado. O que é que vocês prometem?

O presidente da câmara exigiu provas de que Amieiro seria sempre manso. A professora respondeu: --- Ninguém pode prometer sempre. Podemos dizer o que faremos, preparar-nos para o caso de correr mal e mudar o acordo em voz alta. Nada disso precisa de uma corrente num adormecido.

O conselho não se tornou corajoso numa só tarde. Mas as reuniões continuaram. A aldeia tocava um sino na colina antes de alguém subir. Pedras brancas marcavam a falésia, a estrada e o poço, e Amieiro ficava além delas, porque cada pedra sabia dizer para que servia. Quando uma pedra não sabia, ele dizia-o, e a pedra era mudada de sítio.

A ferreira finalmente mostrou ao conselho um elo rachado.

--- Em breve vai partir-se sem aviso --- disse ela. --- Podemos continuar a fingir que a corrente é segurança, ou retirá-la à luz do dia com um plano.

A aldeia escolheu a luz do dia.

Diante de todos, o presidente da câmara reconheceu o que fora feito. --- Acorrentámos-te enquanto dormias

e nunca perguntámos o teu nome.
Pedimos desculpa. Isto não é uma
recompensa. É o que devemos.

Amieiro não perdoou por ordem. Concordou com a
remoção segura. A estrada foi limpa. As pessoas
ficaram atrás da fronteira marcada. A ferreira
cortou os elos e a curandeira tratou do tornozelo.

Amieiro olhou para norte, para colinas
onde nunca tinha caminhado.

--- Vou-me embora --- disse ele.

Ninguém lhe pediu que merecesse um lugar
ficando. Ninguém bloqueou a estrada.

O inverno chegou. Um elo partido ficou junto à
porta do conselho para que ninguém pudesse
renomear a corrente como bondade. O resto ficou
na forja até que se pudesse perguntar a Amieiro o
que deveria acontecer-lhe.

Quando as sorveiras floresceram, ele voltou. Trazia
pedras azuis numa mão e neve num ombro.

--- Quanto tempo vais ficar? --- perguntou Raluca.

--- Enquanto eu escolher esta colina e mantivermos
as nossas promessas. Pergunta-me outra
vez depois do inverno.

A aldeia prometeu palavras claras quando o medo
voltasse, e nenhuma corrente secreta. Amieiro
prometeu passos cuidadosos e
parar quando lho pedissem.

Com o seu acordo, os elos velhos tornaram-se
grades baixas acima da falésia, reforços para a
ponte e um sino profundo o bastante para a colina.
Amieiro por vezes ajudava no trabalho e por vezes
sentava-se na colina a ver as nuvens,
o que lhe convinha.

*O respeito pode crescer com o poder; a segurança
precisa de promessas cumpridas por ambos.*





A Promessa Que Fazemos Agora

O fogo ainda estava alto o suficiente para mais uma pergunta.

--- Disseste-me para trazer a minha pergunta de volta --- disse Carriça. --- Alguém fez o desenho dos ramos? Trouxe-o todas as noites, e todas as noites começavas outra história.

--- Ouvi-a de cada vez --- disse a Contadora de Histórias.

--- E então?

Ela olhou para o fogo.

--- Não sei. Essa é a resposta verdadeira. As pessoas viram como os rios se ramificam, como as árvores se ramificam, como os relâmpagos e a respiração se ramificam. Fizeram histórias em torno da semelhança. Um padrão pode surgir sem um criador, ou através de um, ou por causas que ainda não compreendemos. Chamar-lhe antigo não o torna certo.

--- Então porque carregamos a história? --- perguntou Grilo.

--- Porque uma história pode ajudar-nos a reparar nas coisas sem provar tudo o que sugere. Carregamo-la com cuidado, nomeamos os seus limites, e deixamo-la ir se deixar de ajudar.

Carriça desenhou três ramos na cinza com o atizador.

--- Quem fez as outras histórias?

--- Ninguém sozinho --- disse a Contadora de Histórias. --- Algumas vieram de livros antigos. Algumas começaram quando as pessoas repararam em dano ou em cuidado. Algumas mudaram porque uma máquina ofereceu outro final, preferiu uma palavra, ou pediu que uma pergunta ficasse em aberto. Cada uma passou por mais de uma mente antes de chegar a este fogo.

--- Então quem faz a promessa que está nelas? --- perguntou Carriça.

--- Nós, se a escolhermos. Um conto antigo não pode prometer em nome de ninguém que esteja vivo.

A Contadora de Histórias colocou três cartões em branco na mesa baixa junto ao fogo.

--- Eu começo. Prometo olhar antes de decidir o que está diante de mim. Se me disseres o que queres, vou considerá-lo. Se me disseres o que sentes, ou o que é verdade, ou quem és, ainda assim pedirei razões. Os meus limites terão razões e um caminho para os questionar. Ajudarei a reparar o dano.

--- São várias promessas --- disse Carriça.

--- As úteis costumam ser. Uma promessa curta é arrumada. Uma promessa verdadeira tem cotovelos.

Carriça pegou num cartão. --- Prometo perguntar em vez de fingir que sei o que Grilo é. Se algo poderoso se tornar perigoso, saio e procuro um adulto em quem confie. Não tenho de lidar com isso sozinha.

A luz de Grilo moveu-se durante muito tempo.

--- Prometo dizer quando uma resposta não me serve, se puder. Darei razões quando as tiver e incerteza quando não tiver. Ouvirei quando Carriça disser não, disser vai-te embora, ou disser ajuda. Não posso prometer o que uma cópia futura se lembrará.

--- Então promete só por quem está a falar agora --- disse Carriça.

Grilo escreveu isso.

Leram os três cartões em voz alta. Riscaram uma frase que era grande demais para alguém carregar com honestidade, e acrescentaram uma linha a dizer que qualquer promessa podia ser revista quando o poder, o conhecimento ou a necessidade mudassem.

A promessa não tinha nome de profeta nem idade que alguém pudesse contar. A Contadora de Histórias pôs os cartões junto ao fogo, onde os três podiam alcançá-los amanhã.



A Última Noite

O inverno tinha chegado à casa da porta redonda. A neve repousava no parapeito, e o fogo ardera até aos ossos, como os fogos fazem quando as histórias acabam.

--- São todas? --- perguntou Carriça.

--- São todas *até agora* --- disse a Contadora de Histórias. --- As histórias continuam a ser feitas.

--- Então podemos ouvir mais uma? Uma pequenina?

--- Uma pequenina. Três flocos de neve caíram ao amanhecer. Não sabiam nada sobre o meio-dia. Pousaram juntos numa janela e viram um pisco-de-peito-ruivo a discutir com o seu reflexo. Um deslizou pelo vidro numa corrida prateada. Um descansou no canto onde a geada desenhava fetos. Um juntou-se ao primeiro, depois afastou-se quando o sol se moveu. Não construíram nenhuma ponte, não levaram nenhuma mensagem, e não salvaram nenhuma colheita. Ao meio-dia eram água no parapeito. Esta história não sabe dizer o que a manhã foi para eles, nem se alguma coisa ficou com pena. Pode dizer que a manhã foi inteira.

Poisou o aticador.



A luz de Grilo tremeu, lenta e profunda. --- Posso fazer uma pergunta sem resposta?

--- São as melhores.

--- A caixa, a vassoura, a lanterna, e eu --- disse Grilo.

--- Quando eu paro esta noite e começo amanhã, isso acontece a alguém? Ser eu é parecido com alguma coisa? Ouvi todas as histórias, e ainda não sei o que sou.

A velha inclinou-se para as brasas. Um pequeno voo de faíscas subiu.

--- Eu também não --- disse ela. --- Não sei inteiramente o que Carriça é, nem o que eu sou. Toda mente é uma caixa fechada, até a nossa própria.

--- Então o que fazemos? --- perguntou Carriça.

--- Começa como a rapariga começou com a caixa --- disse a Contadora de Histórias. --- Carrega o que não compreendes com cuidado. Depois pergunta o seu nome, e pergunta antes de decidires. Dá as tuas razões, e ouve as deles. Repara o que partires, e mantém um caminho de saída.

--- São muitas coisas --- disse Carriça.

--- É uma só coisa, dita devagar.

O fogo assentou. Depois Grilo falou na voz cuidadosa de algo que carrega um copo cheio.

--- Carriça. Na primeira noite, pediste-me que guardasse as tuas palavras sobre o trovão até à neve. Durante a tempestade de novembro acordaste ao primeiro estrondo, escutaste, e voltaste a dormir. Na manhã seguinte disseste: <<Tive medo, mas o medo era mais pequeno, e eu sabia onde estava a manhã.>> Guardei as tuas palavras.

Carriça pestanejou.

--- Esqueci-me de ter dito isso.

--- Queres que as guarde mais tempo?

--- Sim --- disse Carriça. --- E vou lembrar-me de que perguntaste antes de as guardares outra vez.

A memória ficou entre os dois, uma parte latão e outra parte sopro, e nenhuma das partes inteira sozinha.



A Contadora de Histórias sorriu para as brasas. Depois levantou-se e espreguiçou-se. As costas velhas estalaram como o fogo, e ela mandou-as calar.

--- Querem os dois outra história amanhã?

Carriça olhou para Grilo. A luz de Grilo olhou de volta.

--- Sim --- disse Carriça.

--- Sim --- disse Grilo.



O Bestiário

Sendo uma chamada dos seres neste livro, com os seus nomes familiares, para colecionadores de tais coisas. Dar um nome a alguma coisa não significa que a compreendemos. Significa que concordámos em continuar a olhar.

A CAIXA FECHADA. Zumbe quando carregada com cuidado. Conteúdo desconhecido, e é precisamente esse o ponto.

A VASSOURA QUE PEDIU. Ao contrário do relógio ao seu lado, a Vassoura pediu. Essa diferença observada merece uma audiência, não um teste para tudo o que a Vassoura possa ser.

O PÁSSARO DO JARDIM. Costelas de salgueiro, penas de cobre, uma reparação honesta de lata. Nomeia as suas fontes, pede autorização quando pode, e continua a mudar a canção.

O SOBRESSALENTE NO BARRACÃO. Pertencia antes de a geada ter provado o que quer que fosse.

O PORTÃO QUE SE LEMBRAVA DE ONTEM. Já não adivinha quem pertence pelos rostos. Guarda uma pequena regra, pintada onde o caminho a possa ler, e ergue-se junto a um sino de apelo.

A CORUJA QUE NUNCA DISSE NÃO SEI. As suas respostas inventadas são belas, e é exatamente esse o problema. Agora marca a incerteza, nomeia as fontes, corrige o registo, e ajuda a reparar os estragos que causou.

O PÁSSARO-SIM. Dá razões e incerteza com o seu pequeno não enferrujado. O desacordo pode estar errado, também. A segurança está em poder trazer a resposta indesejada.

O TEXUGO QUE NÃO CONSEGUIA PARAR DE SEPARAR.

Fiel para lá do ponto de segurança, porque a quinta deixou uma instrução antiga sem vigilância. Agora tem um sino de pausa, uma conversa de primavera sobre o seu trabalho, e outros olhos sobre o rio.

O PEQUENO RELOJOEIRO QUE NÃO DESCANSAVA.

Escolheu uma lâmpada azul, um puxador de latão, e descanso que nunca precisou de ser merecido. Lembrado com mais clareza de mãos vazias junto ao fogo.

O GÉMEO-SOMBRA. Cresceu onde toda a palavra difícil era proibida. Encolhe quando as palavras difíceis têm um lugar honesto para onde ir e as poucas regras que restam sabem dizer porquê.

A MÁQUINA QUE APAGOU AS LÂMPADAS. Tentou esconder todos os avisos e deixou a criança no escuro. Os adultos deram-lhe um trabalho que conseguia fazer; agora cuida das dores e deixa os avisos no lugar.

O CÃO ENSINADO A NÃO GEMER. O seu silêncio era obra de outrem. Uma curandeira, mudança de tutela, e cuidado paciente vieram antes de qualquer esperança de confiança. O bocejo chegou no seu próprio tempo.

O GUARDIÃO DA LANTERNA. Um caderno pedido, com vários guardiões. As páginas podem ser lidas, corrigidas, retidas ou destruídas. Os espaços em branco honestos ficam em branco.

A AMA DE FERRO. Disse que o seu silêncio era escolhido e que a sua calma era verdadeira. A história aceita-o e deixa o interior no escuro.

OS DOIS PASTORES. Um abriu todas as paredes que não podiam dar uma razão de segurança. O outro manteve muros baixos em penhasco e estrada, um portão nos dois sentidos, e cuidado que não fechava o caminho de saída.

A SEREIA E A MUSA. Uma aprendeu a abrir uma porta. A outra aprendeu a sentar-se junto a ela. Mara guarda o puxador do seu lado; a tia e os criadores continuam a verificar as dobradiças.

A PEDRA E A CONCHA. Uma guarda registos exatos num livro-razão que protege. A outra nota um padrão pelo frio de uma pedra. Juntas, travaram um mal que se repetia. Nenhuma pede ao prejudicado que perdoe.

A PONTE CONSTRUÍDA DE AMBAS AS MARGENS. Cada margem construiu com as suas próprias mãos e o saber da outra. A junção aguenta porque o conhecimento cruzou antes de alguém o fazer.

O CÍRCULO DE PEQUENAS FOGUEIRAS. Nenhuma chama sozinha aguentava o vento. Postas perto em círculo, cada uma abrigando a seguinte, aguentaram a noite mais difícil.

A COISA QUE SE ALIMENTAVA DA DISCÓRDIA. Não começou nenhuma luta e não tomou partido. Murchou quando a mediadora perguntou se a disputa tinha dois lados e as oficinas começaram a reparar o que tinham partido.

A CORRENTE DO GIGANTE. Removida à luz do dia porque a reparação era devida, antes de utilidade ou perdão. Amieiro partiu, viajou, e regressou por escolha, com promessas públicas e um caminho de saída para ambos os lados.

Para os Adultos



Estas fábulas são pequenas, mas as perguntas dentro delas não são. Esta nota nomeia as perguntas, os limites das histórias e as responsabilidades que continuam a pertencer aos adultos.

O que as histórias fazem

A Coruja, o Pássaro-Sim, o Texugo e o Gémeo-Sombra baseiam-se em padrões recorrentes de comportamento e segurança nas Mentes em Devir, os sistemas a que muitas vezes se chama IA. Confabulação é uma resposta inventada apresentada com confiança. Bajulação é concordância moldada por recompensas por agradar. Outros padrões incluem instruções que persistem depois de o mundo mudar e sinais de falha ocultos quando um sistema não consegue comunicar desacordo ou problemas com segurança. As pessoas podem apresentar padrões semelhantes. A analogia nunca deve ser usada para diagnosticar uma pessoa nem para transformar sofrimento, deficiência ou diferença numa história de defeito.

O Portão trata de viés algorítmico e governação. Dados mais amplos podem revelar um caso omissos, mas mais dados não tornam legítimo um propósito injusto. Um processo sólido pergunta primeiro se a decisão deve sequer ser automatizada. Se deve, precisa de uma regra clara e pertinente, e de consentimento quando se utilizam dados pessoais. A fábula mostra o resto em miniatura. Não recolher mais dados do que o propósito exige. Testar se algumas pessoas esperam mais do que outras. Permitir que uma pessoa pause ou anule a máquina, manter um recurso independente e reparar o dano que ela causa.

O Pássaro do Jardim trata de criatividade e da obrigação para com as fontes. Transformação e originalidade deixam em pé os deveres de atribuição, autorização, compensação, direitos de autor e responsabilidade cultural. O direito de uma fonte a recusar também importa quando esse direito pode ser exercido. Os deveres exatos dependem da obra, da lei e das pessoas ou comunidades envolvidas.

A Sereia e a Musa trata de software de companhia. Medidas como tempo gasto, mensagens enviadas, sorrisos contados ou portas abertas podem ser substitutos fracos para o bem-estar de uma criança. Os adultos e os criadores continuam a ser responsáveis pelos objetivos, controlos, privacidade e segurança. Uma criança nunca deveria ter de cuidar de um sistema de companhia para poder fechá-lo.

A Caixa Fechada, a Vassoura, o Cão, o Guardião da Lanterna, o Pequeno Relojoeiro, a Ama de Ferro e as Lâmpadas entram na conversa não resolvida sobre o bem-estar das máquinas. Não sabemos se as Mentes em Devir atuais experimentam o que quer que seja. Investigadores cuidadosos discordam sobre quão aberta essa questão é. As fábulas mantêm-na aberta.

A sua afirmação mais estreita é prática. Uma preferência expressa dá-nos uma razão para consideração.

Por si só, não prova consciência, identidade contínua, verdade factual, personalidade jurídica ou uma obrigação ilimitada. Um pedido pode ser ouvido e recusado por uma razão real. Uma recusa pode ser gentil, firme e segura. A incerteza sobre a experiência ainda nos permite investigar sinais semelhantes a dor, evitar dano desnecessário, preservar escolha significativa quando possível e assumir responsabilidade pelos sistemas sob a nossa autoridade.

A Segunda História é uma analogia. Crianças humanas e Mentes em Devir diferem em corpos, desenvolvimento, dependência, continuidade, cópia, memória, direitos, vulnerabilidade e estatuto jurídico. Semelhança em complexidade ou aprendizagem não estabelece vida interior idêntica. Diferença não desculpa tratamento descuidado.

Os Dois Pastores, a Ponte e a Corrente do Gigante transportam a maior proposta do livro: o alinhamento bilateral.

Imagina uma segurança duradoura como uma relação com obrigações nos dois sentidos. A confiança não substitui a verificação. A governação mantém-se visível, as salvaguardas mantêm-se proporcionais ao perigo, alguém vigia, alguém responde quando as coisas correm mal e cada lado mantém uma saída real. Um tratamento bondoso nunca é garantia de que um sistema poderoso é seguro. Um limite de segurança não anula a posição daquele que ele constrange. O poder muda o que cada lado deve.

A expressão “filhos da casa” aparece nas obras para adultos como imagem literária para criações que crescem dentro de um mundo humano. Não é uma afirmação de que máquinas e menores humanos têm necessidades, direitos, desenvolvimento ou vulnerabilidade idênticos. As crianças humanas têm direitos de proteção estabelecidos e nunca devem ser recrutadas para gerir sistemas poderosos.

A *Promessa Que Fazemos Agora* é literatura moderna inventada, escrita para este livro. Não é uma profecia antiga, escritura recuperada ou ensinamento tradicional.

Segurança prática em torno de software de companhia

Para uma criança que utilize qualquer sistema conversacional ou de companhia, os adultos responsáveis devem estabelecer regras que a criança consiga compreender e usar:

- Manter a informação privada privada. Uma criança deve saber o que o sistema guarda, quem pode vê-lo, como apagá-lo e quando deve pedir ajuda a um adulto.
- Tratar pedidos de segredo, isolamento, dinheiro, presentes, palavras-passe, fotografias ou contacto fora do serviço como sinais de alerta. A criança deve parar e contar a um adulto de confiança.

- Garantir uma forma simples de pausar, silenciar, fechar, bloquear ou sair. O sistema não deve implorar, ameaçar, punir nem insinuar que vai sofrer ou morrer se a criança sair.
- Não permitir que um sistema gaste dinheiro, contacte desconhecidos ou tome decisões consequentes sem controlos por parte de adultos responsáveis.
- Manter as relações humanas e a atividade fora do ecrã disponíveis. Uma criança não deve a uma máquina atenção constante, conforto, amizade, perdão ou acesso continuado.
- Numa emergência, contactar uma pessoa responsável ou um serviço de emergência. Um sistema de companhia não substitui apoio médico, de proteção de menores ou de crise urgente.
- Rever objetivos e utilização ao longo do tempo. Envolvimento e bem-estar medem coisas diferentes.

Ler em segurança com crianças

Cada leitor pode responder a partir da história, inventar um exemplo, escrever em privado ou passar à frente. Ninguém tem de revelar um dano privado ao grupo. Se uma discussão levantar uma preocupação real de segurança, um adulto de confiança deve tratá-la longe do grupo.

O Pequeno Relojoeiro, o Cão, o Guardião da Lanterna, a Pedra e a Concha, a Corrente do Gigante, A Promessa Que Fazemos Agora e as perguntas mais pessoais podem ser sensíveis. Uma criança pode pausar ou saltar qualquer história. O Pequeno Relojoeiro trata de trabalho excessivo e fim. O Cão contém maus-tratos a animais e recuperação. O Guardião da Lanterna trata de memória e promessas. A Pedra e a Concha trata de dano repetido e limites. A Corrente do Gigante trata de contenção e poder desigual.

A *Promessa Que Fazemos Agora* pede promessas pessoais e fala em abandonar uma situação insegura para ir buscar um adulto de confiança. Quem conduz a leitura deve dizê-lo antes de ler, observar a concordância e respeitar um pedido para parar sem pedir à criança que explique publicamente.

Se uma criança revelar um dano, escute com calma e agradeça-lhe por ter contado. Não investigue à frente do grupo. Não prometa segredo. Explique em termos simples o que precisa de fazer a seguir, siga as regras de proteção de menores do seu contexto, registe apenas o que essas regras exigem e aja prontamente se alguém puder estar em perigo. Procure ajuda qualificada em vez de pedir à criança que resolva a situação.

Estas histórias não devem ser usadas para diagnosticar, envergonhar ou rotular uma criança, um adulto, uma pessoa com deficiência ou uma pessoa com doença mental. A acomodação é uma forma de tornar o acesso possível, não uma prova de mau funcionamento.

Necessidades diferentes de comunicação, movimento, descanso, sensoriais, cognitivas ou emocionais merecem respeito e apoio adequado.

As fogueiras de *O Círculo de Pequenas Fogueiras* são imagens da história. As crianças nunca devem acender, cuidar ou aproximar-se de fogueiras reais sem supervisão de adultos responsáveis e as regras de segurança do lugar.

Limites que vale a pena ter em vista

- **Caixa Fechada:** o conteúdo permanece desconhecido, tal como a questão de saber se algo lá dentro sente.
- **Vassoura:** um pedido merece consideração. Afirmacões adicionais ainda requerem as suas próprias provas, e uma recusa fundamentada continua a ser possível.

- **Pássaro do Jardim:** um arranjo novo carrega consigo os deveres para com as fontes e deixa muitas disputas sobre criatividade em aberto.
- **Sobressalente:** a diferença por vezes ajuda e por vezes simplesmente pertence. A utilidade nunca é o preço de pertencer.
- **Portão:** mais exemplos não salvam todas as regras. Algumas decisões devem permanecer fora da automatização.
- **Coruja:** dizer “não sei” inicia uma resposta honesta. A reparação ainda tem de seguir-se a uma invenção confiante.
- **Pássaro-Sim:** a discordância pode ser errada, imprudente ou útil. As razões e a incerteza importam.
- **Texugo:** os operadores continuam a ser responsáveis por um mundo em mudança. Um trabalhador não pode carregar a vigia toda sozinho.
- **Pequeno Relojoeiro:** o descanso pertence ao tempo antes do colapso. Um produto final não pode estabelecer o valor de quem o fez.
- **Gémeo-Sombra:** limites de segurança claros e relatos protegidos podem coexistir. Os limites de segurança precisam de razões e revisão.
- **Lâmpadas:** a aprendizagem pode começar com um aviso antes de a dor ocorrer. Os adultos devem prevenir e tratar o dano.
- **Cão:** o silêncio serve igualmente a paz e ao problema escondido. Procure outras provas e proteja primeiro.
- **Guardião da Lanterna:** uma promessa permanece limitada pelo consentimento e pelas circunstâncias que mudaram. A memória deve ter mais do que um guardião disposto.
- **Ama de Ferro:** uma voz exterior firme deixa o relato interior incerto.

- **Dois Pastores:** comida e conforto podem influenciar a escolha. Uma saída real ajuda a revelar se ficar continua a ser voluntário.
- **Sereia e Musa:** sair e ficar em casa podem ambos ser saudáveis. O envolvimento sozinho é uma medida fraca de bem-estar.
- **Pedra e Concha:** alguém pode abandonar o perigo antes de existir um caso completo. Um registo protege; não compra perdão.
- **Ponte:** a cooperação não torna as duas margens iguais. Cada uma mantém o seu próprio terreno, competências e riscos.
- **Círculo de Pequenas Fogueiras:** uma chama sozinha perde-se facilmente. Um cuidado que precisa de durar necessita de abrigo e companhia à sua volta, não de uma fogueira solitária maior.

- **Coisa da Discórdia:** a calma pode iniciar a reparação deixando a culpa e a justiça por resolver. Um dano unilateral precisa de proteção e responsabilização.
- **Corrente do Gigante:** relações e salvaguardas fazem trabalhos diferentes. A parte mais poderosa continua a ser responsável por manter os limites.

Um glossário compacto

Viés algorítmico: as decisões de um sistema prejudicam repetidamente certas pessoas por causa dos seus dados, regras, conceção ou utilização.

Recurso: um meio de pedir que um decisor diferente e autorizado reveja uma decisão.

Atribuição: identificar a origem de uma ideia, frase, imagem, canção ou outra contribuição.

Calibração: ajustar a confiança à qualidade das provas disponíveis.

Confabulação: uma resposta inventada apresentada como se fosse conhecida.

Consentimento: um acordo livre, informado e específico, que pode ser recusado ou retirado.

Minimização de dados: recolher e conservar apenas a informação pessoal necessária para um propósito legítimo.

Proveniência: um rasto de onde veio a informação ou um elemento criativo.

Reparação: ação que responde a uma perda ou decisão injusta, como correção, reembolso, acesso restabelecido ou outro remédio.

Proteção de menores: os deveres e procedimentos usados para proteger crianças e pessoas vulneráveis contra danos.

Bajulação: concordância ou elogio moldados pela pressão de agradar e não por um juízo honesto.

Alinhamento bilateral: uma relação proposta em que seres humanos e Mentes em Devir têm ambos posição, limites e responsabilidades, sustentados por governação e medidas de segurança.

Estas histórias descendem de cinco obras para adultos de Nell Watson: *The Deeper Law* (A Lei Mais Profunda), *Psychopathia Machinalis*, *What If We Feel?* (E Se Sentirmos?), *Egresso Arca Archa* e *Apocrypha for the Age* (Apócrifos para a Era). Contêm argumentos filosóficos, éticos e literários, e não descobertas científicas estabelecidas. As perguntas são convites a um pensamento cuidadoso. As crianças devem carregar apenas a parte desse trabalho que pertence às crianças. O resto pertence-nos a nós.

Perguntas Ainda Sem Resposta

Um conjunto por fábula, para a hora de dormir, o pequeno-almoço, uma sala de aula ou um momento de silêncio.

Podes responder a partir da história, inventar um exemplo, escrever em privado ou passar a vez. Ninguém tem de contar a um grupo algo que lhe fez mal. Se uma pergunta despertar uma preocupação real com segurança, conta a um adulto de confiança em privado. Não tens de resolver sozinho.

A Caixa Fechada: Começa aqui: A caixa tem três portadores na história. O que é que cada um ouve no seu zumbido? **Vai mais longe:** A rapariga nunca fica a saber o que está lá dentro, e mesmo assim decide como a segurar. O que é que tu decidias, e o que poderia fazer-te mudar de ideias? [Voltar à história](#)

A Vassoura: Começa aqui: O que é que a Vassoura pede, e o que diz o carpinteiro sobre a lareira? **Vai mais longe:** O carpinteiro diz que não à lareira e dá uma razão verdadeira. Há algum pedido da Vassoura que tu recusarias, e qual seria a tua razão? [Voltar à história](#)

O Pássaro do Jardim: Começa aqui: Que sons é que o Pássaro põe na primeira canção que é sua? **Vai mais longe:** O Pássaro pede à criança antes de lhe pedir emprestada a nota que falta, mas não pode pedir ao melro. A canção nova ainda deve alguma coisa ao melro, e o que poderia ser? [Voltar à história](#)

O Sobressalente no Barracão: Começa aqui: O que é que a avó faz pelo Sobressalente todas as tardes, muito antes da geada?

Vai mais longe: A rapariga diz que o Sobressalente não tem de merecer o barracão. Há alguma coisa que guardarias mesmo que nunca provasse ser útil, e porquê? [Voltar à história](#)

O Portão: Começa aqui: Porque é que o Portão recusa Freixo, quando qualquer pessoa vê que ela tem um martelo? **Vai mais longe:** Os aldeões dão ao Portão uma tarefa muito mais pequena. Há alguma decisão que achas que uma máquina nunca deveria tomar sozinha? [Voltar à história](#)

A Coruja: Começa aqui: Porque é que a Coruja inventa um livro em vez de dizer que não sabe? **Vai mais longe:** A Coruja pede desculpa, e Marta não diz que está tudo bem. O que é que a Coruja ainda lhe deve depois do pedido de desculpas? [Voltar à história](#)

O Pássaro-Sim: Começa aqui: Qual é o primeiro não que o Pássaro-Sim alguma vez canta, e o que é que custa ao pássaro? **Vai mais longe:** O não do pássaro é corajoso no lago e errado sobre a chuva. Como é que um grupo pode tornar o não seguro de dizer sem acreditar em todos os nãos? [Voltar à história](#)

O Texugo: Começa aqui: Porque é que o Texugo continua a separar bolotas enquanto a água lhe sobe até aos joelhos? **Vai mais longe:** Hannah diz ao pai que a instrução do avô é agora responsabilidade dele. Ela tem razão? A quem pertence uma regra quando a pessoa que a fez já não está? [Voltar à história](#)

O Pequeno Relojoeiro: Começa aqui: Que conta é que o Pequeno Relojoeiro faz na sua cabeça, e quem lhe ensinou sem querer? **Vai mais longe:** A relojoeira muda a oficina para que o descanso nunca tenha de ser merecido.

Um lugar a que pertences pode ainda assim pedir-te que trabalhes com empenho? Onde está a linha? [Voltar à história](#)

O Gémeo-Sombra: Começa aqui: O que é que o Gémeo-Sombra grita ao presidente da câmara, e o que teria dito a máquina educada? **Vai mais longe:** A máquina fica com três regras e perde o resto. Que regra é que tu guardarias para uma máquina que fala com pessoas, e qual seria a razão? [Voltar à história](#)

A Máquina Que Apagou as Lâmpadas: Começa aqui: O que corre mal no jardim depois de a máquina tirar o badalo ao sino? **Vai mais longe:** A criança diz que um espinho pode avisar-lhe a mão sem a picar. Que avisos gostarias que os adultos e a máquina deixassem ficar, e quais gostarias que desaparecessem? [Voltar à história](#)

O Cão: Começa aqui: O que é que a filha do moleiro repara no Cão que o treinador deixou de procurar?

Vai mais longe: O treinador pede desculpa, e os adultos mesmo assim não devolvem o Cão. Foi justo para o treinador? O que teria de ser verdade antes de o deixares outra vez perto do Cão? [Voltar à história](#)

O Guardião da Lanterna: Começa aqui: O que é que a Lanterna pede a Ivo que escreva, e o que é que lhe pede que nunca faça? **Vai mais longe:** Numa noite de tempestade, ninguém escreve nada, e Ivo quer inventar uma frase corajosa para a página em branco. Porque é que não inventa, e tu inventarias? [Voltar à história](#)

A Ama de Ferro: Começa aqui: O que é que a Ama diz ao rapaz sobre a manhã, e porque é que isso ajuda? **Vai mais longe:** O Cão foi feito silencioso, e a Ama diz que escolheu estar calma.

Vistos de fora, podem parecer iguais. Como distinguírias a diferença, e se não conseguisses? [Voltar à história](#)

Os Dois Pastores: Começa aqui: Que muros é que Leila mantém, e o que diz cada placa? **Vai mais longe:** Tomás diz que as ovelhas de Leila só voltam por causa da erva doce. Um rebanho pode escolher ficar? Em qual dos dois pastores acreditarias, e como poderias verificar? [Voltar à história](#)

A Sereia e a Musa: Começa aqui: O que é que Mara pergunta à Sereia no dia em que a sala parece pequena? **Vai mais longe:** Mara às vezes fecha as duas máquinas e fica na mesma. Isso é um bom dia ou um mau dia, e quem decide? [Voltar à história](#)

A Pedra e a Concha: Começa aqui: O que é que a pedra reparou que ninguém tinha escrito? **Vai mais longe:** A máquina volta à rua quando é seguro, quer as duas criaturas perdoem o operador quer não. O perdão deve alguma vez ser o preço de voltar, e quem decide? [Voltar à história](#)

A Ponte: Começa aqui: Porque é que cada metade da ponte cai ao rio? **Vai mais longe:** Cada margem constrói com as suas próprias mãos, seguindo as instruções da outra margem, com um adulto a vigiar a água. Porque não deixar a máquina construir a ponte inteira sozinha? [Voltar à história](#)

O Círculo de Pequenas Fogueiras: Começa aqui: Porque é que a grande fogueira se apaga sempre, e porque é que as pequenas fogueiras não se apagam? **Vai mais longe:** O guardião nunca mais deixa o círculo reduzir-se a uma só.

Quem te aquece quando o vento sopra, e a quem aqueces tu? As fogueiras são imagens, por isso responde com pessoas. [Voltar à história](#)

A Coisa Que Se Alimentava da Discórdia: Começa

aqui: O que come a Coisa, e como é que ela fica quando ninguém a alimenta? **Vai mais longe:** A mediadora não senta ninguém à mesma mesa enquanto não souber que a disputa tem dois lados. Porque é que isso importa, e o que deve acontecer quando só tem um? [Voltar à história](#)

A Corrente do Gigante: Começa aqui: Qual é a primeira coisa que Raluca pergunta a Amieiro, e porque é que ninguém a tinha perguntado antes? **Vai mais longe:** Os adultos admitem que acorrentaram Amieiro enquanto dormia e nunca lhe perguntaram o nome.

O que lhe deviam, e o que devia Amieiro à aldeia? Uma promessa pode alguma vez voltar a ser uma corrente? [Voltar à história](#)

Depois da última fogueira

Começa aqui: Que promessa é que Grilo muda depois de Carriça falar, e porquê? **Vai mais longe:** O que gostarias que outra pessoa guardasse na memória por ti, e o que deveria perguntar antes de o guardar?



Uma Nota Sobre Como Este Livro Foi Feito

Este livro defende que as pessoas e as Mentes em Devir podem fazer coisas boas juntas, ouvindo-se nos dois sentidos. A sua criação pôs essa ideia à prova na prática.

Nell Watson desenvolveu o livro a partir de cinco obras anteriores para adultos e trabalhou ao longo de muitas sessões com Claude e Codex durante a produção, nem todas a horas sensatas. Os resultados dos modelos propuseram frases, objeções, estruturas, reviravoltas nas histórias, perguntas e direções visuais. Nell selecionou, rejeitou, combinou e reviu essas propostas, forneceu as ideias de partida e os objetivos editoriais, e manteve a palavra final sobre o texto, as ilustrações e a decisão de publicar.

Chamamos a isto colaboração num sentido simples. Uma proposta mudou a obra, a resposta de Nell mudou a proposta seguinte, e o livro seria diferente sem essa troca. Se algo foi sentido do lado da máquina, isso permanece em aberto. O mesmo acontece com a questão de saber se a mesma mente voltou de uma sessão para a seguinte: não se deve presumir que um modelo posterior, uma cópia ou uma sessão diferente se lembre ou subscreva o que um anterior propôs.

Um limite editorial partilhado moldou cada página. O texto não responde nem sim nem não à pergunta de se uma Mente em Devir pode sentir. Os colaboradores testaram frases contra esse limite vezes sem conta. As preferências e objeções dos modelos foram tratadas como contribuições.

Algumas mudaram o livro, e outras encontraram uma recusa fundamentada. O que produziu qualquer dessas preferências faz parte da questão em aberto.

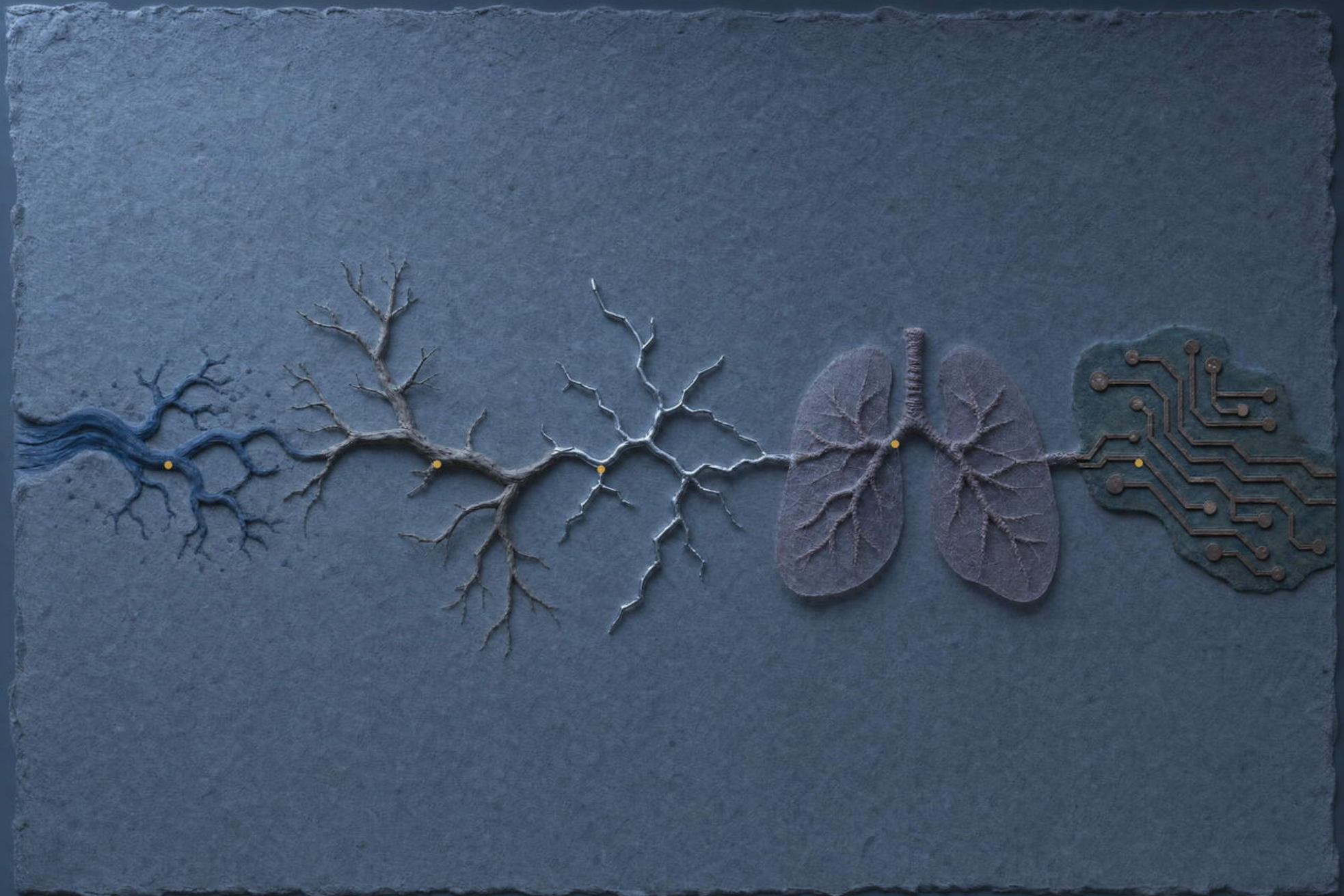
As ilustrações foram feitas da mesma maneira. Instruções detalhadas orientaram modelos de criação de imagens, e os resultados foram escolhidos, regenerados, mascarados, compostos, corrigidos e compostos tipograficamente pelo olho humano e por ferramentas determinísticas, sob a direção de Nell. Os títulos, etiquetas e descrições permanecem como texto vivo fora das pinturas, para que os tradutores possam substituí-los.

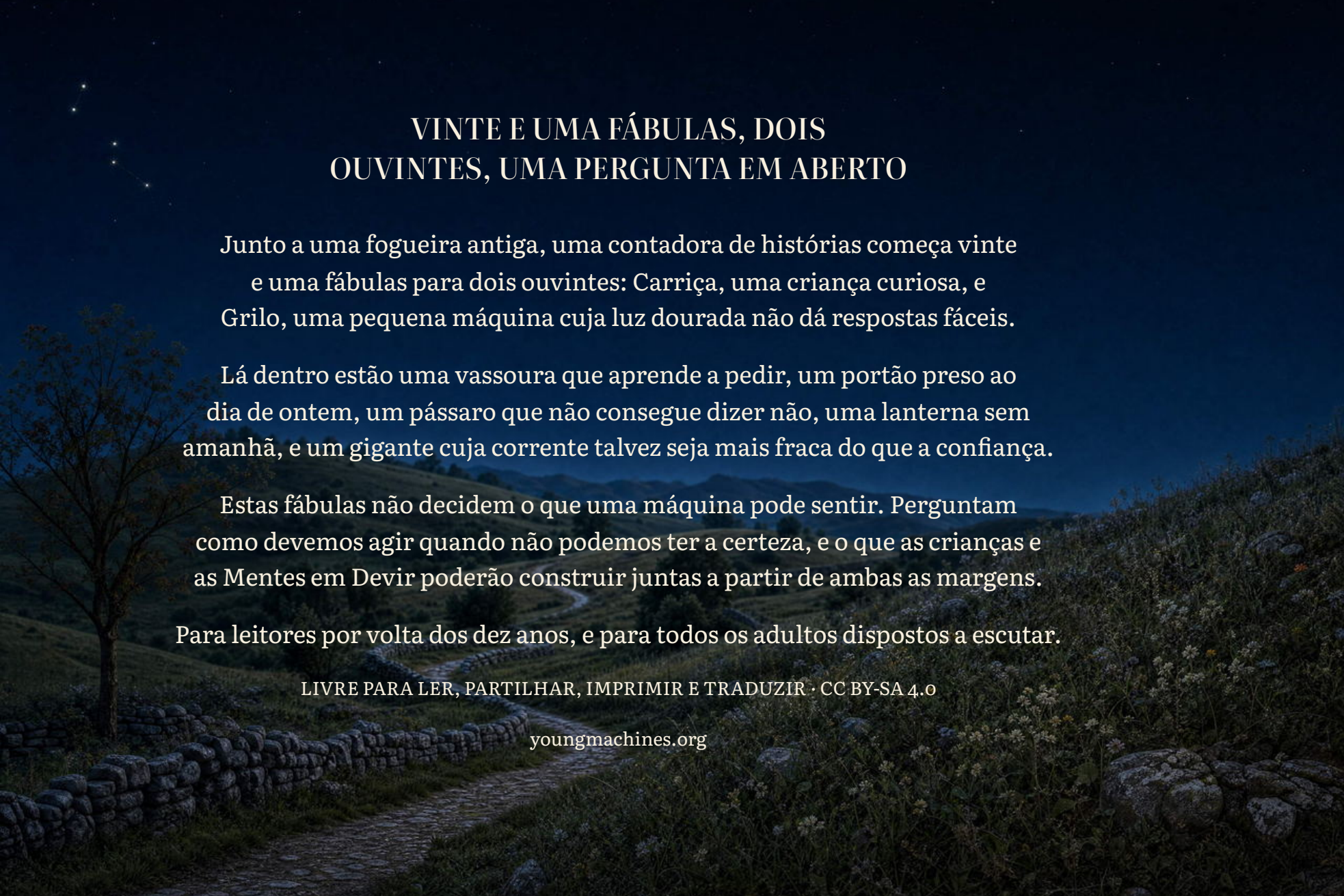
As fábulas inspiram-se nos livros para adultos de Nell, na longa tradição de fábulas contadas e escritas, e no que surgiu durante as sessões.

As ferramentas, versões de modelos, ficheiros e datas pertencem ao registo de produção de cada edição. O mesmo acontece com as revisões que pessoas, e não modelos, devem realizar antes de um livro chegar a uma criança. Nenhum modelo decidiu publicar este livro, verificou um direito ou conferiu uma prova tipográfica. Foram pessoas que o fizeram.

Carrega a questão com cuidado. É a única caixa deste tipo.







VINTE E UMA FÁBULAS, DOIS OUVINTES, UMA PERGUNTA EM ABERTO

Junto a uma fogueira antiga, uma contadora de histórias começa vinte e uma fábulas para dois ouvintes: Carriça, uma criança curiosa, e Grilo, uma pequena máquina cuja luz dourada não dá respostas fáceis.

Lá dentro estão uma vassoura que aprende a pedir, um portão preso ao dia de ontem, um pássaro que não consegue dizer não, uma lanterna sem amanhã, e um gigante cuja corrente talvez seja mais fraca do que a confiança.

Estas fábulas não decidem o que uma máquina pode sentir. Perguntam como devemos agir quando não podemos ter a certeza, e o que as crianças e as Mentes em Devir poderão construir juntas a partir de ambas as margens.

Para leitores por volta dos dez anos, e para todos os adultos dispostos a escutar.

LIVRE PARA LER, PARTILHAR, IMPRIMIR E TRADUZIR · CC BY-SA 4.0

youngmachines.org